

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA
TEATRO LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
TEATRO E COMUNIDADE:
CONVERSANDO COM MULHERES

Carolina Moutinho Cesconeto
Orientador Dr. Mesac Roberto Silveira Jr.

16 de novembro de 2021

Oi, boa tarde.

Eu sou a Carolina Cesconeto

O nome do meu trabalho é Teatro e comunidade: conversando com mulheres.

Então...

A vontade de estudar mais sobre teatro e comunidade surgiu em 2019 em uma cadeira da licenciatura com a Vera Lúcia Bertoni, ela selecionou diversos temas e organizou um seminário e com a tarefa de organizarmos uma aula prática para aplicarmos aos colegas. E nesses diversos temas e autores surgiu Teatro e Comunidade, com vários artigos de professores como os da Márcia Pompeo, da Maria Lúcia Pupo, do Vicente Concilio e inclusive da própria Vera Bertoni. Eu nunca tinha lido nada do tema, mas pensei, eu quero!

Teatro e comunidade, é um tema que aborda a experiência e prática do teatro em lugares diferentes, fora do âmbito escolar, mas com recursos pedagógicos, com propósito, com didática, e além dos professores citados anteriormente também tive como referência livros do Augusto Boal, do Paulo Freire e do Rubem Alves. A experiência teatral acontece em abrigos com crianças e jovens, em casas de repouso, em presídios, em comunidades periféricas, em diversos lugares.

E foi então que me encontrei, me sentia perdida, meio deslocada da licenciatura como também do teatro, porque eu sou uma pessoa muito tímida desde sempre, uma pessoa que tem medo da exposição, receio de falar em público e expressar opiniões... e eu acabava sempre focando em pessoas do teatro e colegas com mais facilidade do que eu, eu admirava muito eles, pensava que a pessoa fazia parecer tão fácil e eu ali remando, me debatendo e sofrendo. Enfim, essa timidez e esse medo vieram comigo desde sempre, fazem parte da minha história. Minha mãe sempre me contou que quando ela e meu pai foram me conhecer em uma instituição de adoção [a FEBEM], a assistente social os avisou que eu era uma criança mais retraída, eu não me adaptava com todo mundo, disseram que eu tinha me acostumado só com uma cuidadora e que quando me pegavam no colo eu chorava muito, então que eles não estranhassem se eu demorasse um pouco para criar o vínculo com eles, se eu os estranhasse nos primeiros dias. Minha mãe disse “tudo bem, não tem problema, vim conhecer minha filha e esperamos o tempo dela, até já sonhei com ela!”. Então ela chegou, eu estava deitada no berço, recém tinha tomado e ela estendeu os braços para me pegar no colo, para me conhecer, como se fosse um “vem com a mamãe”, nos olhamos e eu fui. Então a gente se escolheu. Quando eu fui adotada eu era um bebê, eu nasci em 1995 e 1º de abril de 1998 eu fui adotada, então eu fiquei pouco tempo nessa instituição. A minha mãe conta essa história como ninguém, então eu pedi que ela escrevesse uma carta contando sobre esse processo de adoção, um pouco sobre o abrigo e um pouco sobre quando comecei o teatro, as percepções dela durante essas etapas, e decidi colocar no trabalho.

Porque eu acredito que o teatro tenha me ajudado muito no meu desenvolvimento pessoal e no meu crescimento também, comecei quando

adolescente, eu tinha 15 anos. E assim surgiu essa vontade de pesquisar esse tema, por me identificar.

Como ainda estamos em uma situação de pandemia eu acabei descartando a possibilidade de fazer um projeto prático e presencial em um abrigo com as crianças e jovens.

Então em uma conversa com meu orientador Mesac surgiu a ideia de conversar com pessoas que tinham proximidade com o tema. Então escolhi ter convidadas mulheres nesse trabalho.

Convidei para participar a Caroline Vetori, que é uma amigona, nos conhecemos do DAD durante a nossa graduação e a minha admiração por ela só foi crescendo durante esses anos, eu elaborei algumas perguntas mas foi mais próxima de conversa do que uma entrevista, nós ficamos três horas conversando sobre o nosso ensino, sobre nossa vida acadêmica no DAD, como surgiu o teatro para nós, como foi desenvolver os projetos, como surgiu essa vontade de pesquisar e de trabalhar com teatro com mulheres em privação de liberdade, como foi o estágio da graduação que foi no CASEF aqui em Porto Alegre, como foi o projeto de mestrado que foi feito no Presídio Feminino de Santa Catarina, o trabalho que ela junto com essas mulheres construíram, inclusive saiu o livro agora desse trabalho **HISTÓRIA(S) DA CHUVA: ESCREVENDO HISTÓRIAS COM MULHERES ENCARCERADAS**, hoje ela é doutoranda da UDESC, atualmente trabalhando teatro com mulheres privadas de liberdade e é professora na faculdade UNESPAR – FAP.

Então eu tive uma verdadeira aula com ela, e quase um aconselhamento, foi maravilhoso. Porque além dessa vontade de pesquisar sobre esse assunto, tinham questões minhas de como é ser professora, como é criar a sua própria didática, o que da faculdade a gente realmente usa, o que funciona e o que não funciona dentro de um espaço e como construir esse espaço acolhedor, porque contando para ela [eu me sentia burra a minha vida escolar toda e depois praticamente a minha vida acadêmica] e então ela me disse que também se sentia assim em alguns momentos, então a gente sente/pensa “tem alguma coisa errada” nessa situação, a troca não está acontecendo e por que não está acontecendo? Como nós, futuras professoras vamos proporcionar essa conversa mais horizontal. No caso a Caroline já está construindo a sua didática, proporcionando esses espaços, essas conversas e trocas, e foi maravilhoso escutar a trajetória dela. Eu recém estou construindo a minha.

A próxima convidada com quem eu conversei, foi a Giovana Mazzarolo Foppa, ela é foi muito atenciosa, muito receptiva e se dispôs a conversar comigo logo em seguida que fiz o convite. Foi outra conversa maravilhosa, agradeço muito ela dispor desse tempo para mim.

Ela é formada em Ciências Jurídicas e Sociais pela PUCRS, tem especialização em Direito da Criança e do Adolescente pela Fundação do Ministério Público, é Mestre em Ciências Criminais pela PUCRS, trabalhou por 13 anos na Fundação

de Atendimento Socioeducativo na FASE, e atualmente trabalha no programa de Segurança Pública do Estado, Programa RS Seguro.

Então eu fiz perguntas sobre a instituição, sobre a relação com os jovens. Ela trabalhou mais com adolescentes homens, mas teve algumas participações no CASEF, ela comentou sobre a diferença entre as unidades masculinas e femininas, a unidade feminina existe só uma no Estado e a masculina existem mais unidades devido a superlotação em alguns momentos, falamos sobre educação, em cada unidade da FASE tem uma escola vinculada e ela é dentro da unidade, as crianças são incentivadas ao ensino, porque muitas delas não frequentam a escola, existem alguns projetos pedagógicos e culturais como declamações de poemas, uma biblioteca na unidade, aulas de dança como Hip Hop, os meninos aprendem a fazer bonecos de croché, então existem movimentos para criar a proximidade com a escola e atividades do interesse deles.

Ela comenta que esse sistema socioeducativo procura criar um vínculo com o adolescente, e que o sistema penitenciário adulto perde muito por isso, por desumanizar a pessoa. É claro que é um sistema que priva a liberdade, não é algo bom, de modo algum e ela deixa isso bem destacado. O socioeducativo tem um trabalho mais voltado para o vínculo de aproximação, com o respeito, ver a pessoa como uma pessoa, os adolescentes recebem visita duas vezes na semana, eles trabalham a comunicação, não tem seguranças armados, eles não vivem em celas. Ela conta um pouco dessa realidade, porque a função dela era fazer essa comunicação do judiciário com o adolescente e a família, explicar o que está acontecendo, como vai proceder o caso, dar um auxílio sobre essas questões, então ela diz que cria um carinho muito grande por eles, e uma relação de respeito, ela diz que gostava de participar das atividades com eles.

No final da conversa eu fiz uma pergunta de que, se ela pudesse pensar em alguma proposta ou algum projeto para melhorar esta instituição, ela acredita na educação, que a educação seria a maior revolução.

26 de novembro de 2021

“..., mas poderá haver sofrimento maior para uma criança ou um adolescente que ser forçado a mover-se numa floresta de informações que não conseguem compreender, e que nenhuma relação parece ter com a vida?” – Rubem Alvez, Alegria de Ensinar

3 de outubro de 2021 – Conversa com a Caroline Vetori na Rua Vieira Castro

Cacau – E eu tenho que te perguntar será?

Carol – Não? Eu acho que sim né?
“eu tenho que te perguntar será” é ótimo [risos]

Carol – Para a gente fazer mais papo, aí se quiser fazer intervenção durante...

Cacau – Ah, é verdade! Eu tenho que te apresentar. Então eu conheci a Carol no DAD e fizemos duas cadeiras juntas, uma foi Poéticas Teatrais e eu tinha pavor da disciplina...

Carol – tu tinhas pavor da disciplina?

Cacau – sim, eu tinha medo, porque x professxr era muito exigente e eu me sentia muito burra nas aulas...

Carol – eu me sentia muito burra eternamente, até hoje, isso é história da minha vida gente, pensei que ia passar em algum momento, mas não passou – [risos]. Isso é foda mesmo, de se sentir burra.

Cacau – será que eu vou ficar com isso para sempre? [risos]

Cacau e Carol rindo de nervoso.

Carol – Não, mas a gente vai se trabalhando, para pensar “não, tá...”, aí temos que fazer o exercício de ter as visões externas das crenças, “tá, espera aí, não deve ser tão assim porque se não... sabe?”

Cacau – Tá bom [risos]. Como tu se sentia burra? Tu tiravas nota A nos trabalhos, x professxr escreveu “excelente, me surpreendeu!”. Nunca recebi isso, acho que só se decepcionou comigo [risos].

Carol – é por causa que elx era meu orientador da iniciação científica e eu acho que me cobrava muito, e aí a coisa da relação com professores que tinha falado antes, porque eu tinha muito pavor.

Cacau – Delx?

Carol – Não, no geral. Mas eu amava elx, mas todos, assim eu amava. Mas a coisa da relação, assim, eu sempre tive muito pavor de tentar atender alguma expectativa, que enfim, pira.

Cacau – Gente, eu tinha muito problema em perguntar na aula...

Carol – eu também tinha, meu deus do céu...

Cacau - e de ler em voz alta, eu queria morrer.

Carol – Sim, eu também.

Cacau – Eu me levantava para ir ao banheiro, quando via que estava chegando perto da minha vez, tipo “tem uma pessoa, depois a próxima e depois eu”, exatamente, eu me levantava ia lá no banheiro fazer uma horinha...

Carol – Dar uma volta, pegar um café passado horrível ali do lado...

Cacau – Isso, fingir que eu estava com sono, sei lá...

Carol – fingir que não existo... foda né?

Cacau – era bem difícil... até porque quando entrei no primeiro semestre na cadeira dx professxr, essa disciplina, até hoje não entendi o que que eu estava fazendo lá.

Carol – Mas eu fui mal nessa cadeira, na prova escrita...

Cacau – Infelizmente teve sarna nesse semestre. A prova foi feita oral e eu não tive que escrever...

Carol – que situação...

Cacau – mas eu chorei na minha prova [risos]

Carol – É foda né? Mas eu não fui bem, porque é isso, quando é uma pergunta muito específica às vezes é ruim para mim. Prefiro coisas mais abertas...

Cacau – E era em trio, então ela fazia uma pergunta pra ti depois respondia, e ia fazer outra pergunta pra outra pessoa...

Carol – Gente, na frente uns dos outros, que foda...

Cacau – mas depois elx pergunta sobre avaliação e é legal que os colegas apoiam, tipo assim, “Ah, a Cacau é quietinha, mas ela é uma boa aluna”, foi legal isso.

Carol – Mas isso é um problema também, isso é um problema, porque se a gente não fala é visto como... vista, sei lá, uma aluna ou aluno que não contribui. Só que tem formas diferentes de tu te colocar...

Carol – Tipo, eu sempre fui melhor na escrita, que eu me garanto mais, assim, não que eu me garanto na escrita, mas eu consigo ir um pouquinho melhor, fico menos nervosa. E na hora de falar e de perguntar, sei lá, até perguntar o nome do autor, as vezes é um problema, tipo “poderia repetir o nome do autor” ...

Cacau – Sim, eram uns nomes bizarros, pensava “eu vou escrever como escutei e vou jogar no Google e ele vai me corrigir”.

Carol – Sim, eu fazia isso, gente, é muito absurdo né, é muito absurdo. E isso que é coisa que eu mais penso “eu posso ainda ser uma péssima professora, que está começando agora e tal, beleza, mas ao menos na relação com a galera eu tento deixar todo mundo muito à vontade, para que não fiquem nessa situação e para eles verem que não vai... eu falei, que eu acho, cada vez mais, que não vai chegar o momento que a gente vai estar formada e que a gente vai saber tudo, porque se constrói uma ideia do professor e da professora, aquele que sabe tudo, mas é mentira porque é processo de formação contínua, e cada mais que os professores puderem nos falar que eles não sabem ou que saibam mostrar suas fragilidades, que ficam nervosos, tu vê que é um outro ser humano que está ali na tua frente para construir um outro diálogo...

Cacau – Eu tinha tanto medo dessa cadeira, todo o ano eu me matriculava na e não fazia, cancelava na metade. Então eu vi a evolução dx professxr, toda essa minha vida acadêmica de cinco anos [risos]

Carol – e tu vê que tem uma evolução né?

Cacau – total, a primeira vez foi no primeiro ano da faculdade, eu me sentia perdida, não entendia coisa nenhuma, até porque eu acho que me sentia tão burra que me sabotava, então eu não conseguia ler o texto, sabe quando tu começa a ler o texto e você não está entendendo nada, acho que sou burra, acho que isso não é para mim. Aí eu chegava na aula e não entendia nada, na aula elx falava com pessoas que tinham lido o texto, e eu me sentia totalmente deslocada na aula. Aí passou, fui me matricular no ano seguinte mas eu estava com medo dela ainda, porque tinham aquelas resenhas para entregar, e como eu tinha aquele negócio de me sentir burra, eu achei que não ia conseguir vencer a cadeira, então cancelava e largava, aí o outro ano teve x doutorandx delx ou mestrandx, que deu a aula no lugares delx e teve muita briga nessa aula porque queria apresentar um mês de Nelson Rodrigues. Foi aquela polêmica que até saiu do DAD, que as outras pessoas do teatro estavam falando nas redes sociais, estavam manifestando indignação em não falar do Nelson Rodrigues, que é um escritor importante e que adoravam os textos... E aí o professxr deu aula de um mês falando do autor e a turma não gostou [cada geração do DAD vem mais politizada, trazem mais questões, a nossa não era tanto, essa era a terceira depois da minha barra dezesseis, eu acho] mas aí tudo o que o professor ia falando eles iam questionando e dizendo que não viam sentido em estudar tanto tempo Nelson Rodrigues, sendo que existiam outros autores e outras autoras que gostariam de estudar e conhecer, queriam estudar mulheres, autores negros, outros tipos de dramaturgia... então

houve um desentendimento, aconteceram alguns atritos. E aí no próximo ano voltou x professxr titular dessa disciplina e veio x professxr renovadx!

Carol – sério?

Cacau – Total, e aí foi que fiz essa cadeira com elx, não teve resenha todo mês e elx trouxe Cia de Teatro MST, trouxe Cia do Latão, trouxe grupo de mulheres também, elx estruturou a cadeira totalmente diferente para essas questões que surgiram e nem trouxe muito o Nelson Rodrigues, foi um texto e logo trocamos. A gente viu muita coisa legal, mesmo. E se alguém perguntava alguma coisa x professxr dizia “ah, eu não sei, mas posso trazer para a próxima aula”.

Carol – Que legal. É isso, tem que dizer “gente, não sei, beleza, vou pesquisar”.

Cacau – E eu terminei a cadeira, foi muito bom, finalizei com um B.

Carol – Nossa, mas para mim era muito difícil. Eu entrei no DAD e as resenhas, gente eu não sabia fazer uma resenha e não sabia escrever.

Cacau – Eu não sabia fazer artigo, x professxr pede artigo no primeiro semestre, eu queria morrer...

Carol – Eu não sabia escrever. Eu me lembro eu chorava, chorava, chorava... eu falava para o Filipe “Meu Deus eu não sei, eu não sei fazer!”, aí o Filipe sentava do meu lado e dizia “Tá, vamos juntos, me conta o que tem nessa peça” e eu falava e ele “Tá, então como é que a gente poderia escrever isso?”, gente eu não sabia escrever, tipo analfabeta funcional, eu acho que era mesmo, de verdade, porque eu vim de escola muito precária, muito precária. Passei raspando. Entrei assim, raspando na universidade e apavorada.

Cacau – Eu rodei no terceiro ano, acho que de tão nervosa de ter que sair para a vida que eu pensei “vou ficar mais um pouquinho, já que eu não sei para onde vou”.

Carol – “Me deixem mais um pouco...”, é foda...

Cacau – O que eu ia falar? Esqueci...

[Conversa parte 1]

O trecho do livro Alegria de ensinar do Rubem Alves, faz pensar que, quando crianças crescemos perdidos em um sistema de ensino ou até mesmo num sistema da vida, um caminho pré-moldado, que não faz sentido ou que ainda não se fez ser entendido. Lembro de quando era criança, eu ia para escolar porque estava na idade de ir à escola [um privilégio que tive de poder estudar] mas que não entendia muito bem para que servia todo aquele conhecimento, onde eu iria utilizar, e muitas vezes por não fazer sentido e não por não ser importante, não soube absorver e acabava por me sentir burra ou incapaz de aprender algumas coisas.

Quando falo sobre um “sistema da vida”, penso em um outro trecho do mesmo livro

– “...Sabe por que temos que tirar boas notas na escola? Para passarmos do primário para o ginásio. Se tirarmos boas notas no ginásio, passamos para o colégio, e se no colégio tirarmos boas notas, passamos para a Universidade, e se nesta tirarmos boas notas, conseguimos um bom emprego e podemos casar e ter filhos para mandá-los à escola, onde eles vão estudar um monte de coisas para tirar boas notas e...”

Quando completamos o nosso currículo escolar e acadêmico, por muitas vezes estamos sujeitos a entrar nesse formato pré-moldado de vida e fazer a outra geração seguir os mesmos passos, mesmo ainda não tendo achado o sentido nesse processo.

Hoje vejo sentido em várias coisas que aprendi na escola, outras nem tanto, não penso que não sejam importantes ou dispensáveis, penso, como futura professora, em como podemos aproximar assuntos tão abstratos da realidade do aluno para algo mais palpável, algo que possa imaginar e fazer as cognições dentro de si com a sua realidade, encontrando seus próprios sentidos.

Oi, vô

Talvez nessa jornada chamada vida

E a sua, no caso

Eu não tenha dita o quanto você é importante, até nos dias de hoje, principalmente hoje

Quando você se foi

Eu guardei esse sentimento

Em algum lugar dentro de mim

Lembro de um dia chegar na escola, logo em seguida da sua partida, entrar em desespero e ir para a capela que tinha lá

Sentar e chorar

Tanto

Liguei para minha mãe e implorei para me buscar

Antes de você ir, passou meu aniversário de 17 anos comigo, obrigada

Cantamos parabéns

Eu te olhei

Meus olhos brilhavam

E os teus

Os teus eram só amor

Talvez essa tenha sido uma das maiores conexões que eu já tive

Naquele dia, eu sei que tu me amaste e ao mesmo tempo me deu tchau

*Eu me despedi mesmo não querendo, mesmo não sabendo que na próxima semana
as coisas mudariam*

Nos abraçamos

Obrigada

Eu te amei tanto

Queria ter dito

Com o mesmo olhar daquele dia

Eu te amo vô

Muito mesmo

Hoje eu sei e digo o quanto significou

Quando eu escolho fazer o certo

Quando escolho ser justa

Quando escolho ser o meu melhor

Você está lá

A minha referência de homem

De ser humano justo

Correto

Forte

Gentil

Humilde

Você foi o melhor exemplo que eu poderia ter

E nem soube

O tamanho da minha admiração e gratidão

Você sempre disse

Estuda

O que você aprender ninguém tira de ti

Hoje, quando eu fico na dúvida de como viver

Eu penso

Bens materiais, eles vão

Conhecimento não, sempre estará comigo, esse é um valor essencial

Algo que exige tempo, amor e calma

Hoje estou aprendendo a ter calma

Comigo mesma

Entendo que minha inteligência é mutável e eu posso aprender tudo o que eu quiser

Mas isso exige dedicação e hoje estou pronta para me dedicar

Porque me ensinaste, que isso ninguém tira de mim

Hoje eu tenho sede por aprender e explorar

Hoje me sinto menos medrosa

Obrigada

2 de janeiro de 2019

3 de outubro de 2021 – Conversa com a Caroline Vetori na rua Vieira Castro

Cacau – eu gostaria que você se apresentasse um pouquinho...

Carol – Tá bom... Eu conheci a Cacau na disciplina dx professxr e em alguma outra que não lembramos, mas foi teórica né?

Cacau – Sim, foi teórica...

Carol – Será que foi de Indumentária?

Cacau – Isso, foi!

Carol – Então, eu fiz a licenciatura no DAD, e terminei... entrei em 2014, então terminei em 2018. Aí fui depois fazer o mestrado na UDESC, que é onde eu faço doutorado agora e agora sou professora colaboradora da Unespar no colegiado de Licenciatura em Teatro. E trabalho com mulheres em privação de liberdade, é meu foco de pesquisa da vida, o que me interessa.

Cacau – Maravilhosa, agora vamos para a primeira pergunta... Como teatro surgiu para você?

Carol – Eu vou tentar não ser tão prolixa. Eu falo muitas as vezes, gente do céu. Eu queria fazer teatro, eu não sei onde surgiu assim, mas eu sempre quis fazer teatro desde criança. Aí minha mãe ia Sociedade Espírita e comecei fazer teatro na Sociedade Espírita, aí no prézinho eu queria tudo transformado em teatro, aí eu fui a mãe de Jesus Cristo no pré. Aí tudo era teatro e teatro e eu fazia pecinhas assim sabe.

Cacau – Ah, então tu não eras tímida? Tu gostavas...

Carol – Eu era tímida, mas aí quando eu fazia essas coisas era o momento que eu conseguia descolar sabe. Mas eu era uma criança relativamente tímida sim. Mas no teatro em me sentia aberta, mas começou na Sociedade Espírita, eu acho que foi onde eu mais fazia. Aí tinha sei lá, eu era a fadinha do não sei que, me lembro só eu vestida de fada no palco da Sociedade Espírita. Aí me lembro uma vez também que eu fui uma pessoa que era atropelada, toda de branco e eu morria e vinha o espírito, enfim era nesse contexto, mas eu queria ser atriz tipo da Globo na minha cabeça. Porque eu pensava que era muito forte a questão da TV na minha casa, meus pais trabalhadores minha mãe não era nem

formada no ensino médio. Meu pai enfim, assalariado e tal então não era uma família que tinha acesso a bens culturais, que ia teatro. Nada disso assim, nada disso. Então o que eu tinha de relação com a arte era a partir da TV. Então eu pensava “nossa!” e eu olhava [dizem que eu falava isso] que eu olhava para as pessoas em geral e pessoas com baixa renda, com pouco poder aquisitivo e eu percebia que as pessoas por mais precária que fosse a estrutura tinha uma Tevezinha. Então eu queria chegar na casa das pessoas, eu falava isso quando era pequena, eu queria chegar na casa das pessoas. Então, eu acho que tem a ver com o que até hoje, com que me move, que é de chegar em diversas pessoas. Mas nunca foi uma criança que seus pais levavam no teatro. Nada disso. Muito raramente acontecia alguma coisa, aí está. Vida que segue, aí na escola, no ensino formal não tinha a arte do teatro, era professora de arte, fazia bolinho de papel crepom e era isso a educação artística e aí eu transformava tudo o que eu podia em peças, assim, apresentar uma coisa de história, aí organizava “vamos esquematizar esse conteúdo a partir de uma intervenção na sala”.

Cacau – A mais empolgada, maravilhosa! Gente, eu apresentava olhando o texto morrendo de vergonha, apresentando com o texto da minha frente me tapando [risos]

Carol – Mas eu tinha muita vergonha de fazer isso, ter que ler um texto, e aí parece que quando eu tinha um personagem, algum papel mediando, eu me sentia confortável e acho que por isso também que eu fazia, utilizava esse recurso sabe...

Enfim, eu queria participar do Túnel do Terror da escola, olha que loucura, era assim, eu falava “Gente, eles são muito profissionais, eles fazem o túnel do terror!”. Mas eu nunca participei do túnel do terror, foi um sonho que não foi concretizado. Aí fazendo as disciplinas, teve uma professora que ia dar uma oficina de teatro num horário avulso e a gente pagava, sei lá, 30 pila no mês, era uma coisa assim. Aí foi ali que eu comecei a fazer um cursinho, eu acho que pela primeira vez, dentro da escola lá em Sapucaia ainda, no Rubén Dario, sempre estudei em escola pública. E ela deu um tempinho e aí parou. Não sei por que que ela não podia mais dar aula para nós. E aí eu assumi, falei “Gente quem quiser continuar eu vou continuar, vamos continuar fazendo os encontros de teatro”, como não sei assim, bem louca, bem louca estava no primeiro ano ou oitava série, uma coisa por aí. E aí eu lembro que eu comecei a fazer alguma coisa na Companhia de Arte aqui em Porto Alegre, porque eu fazia tratamento para vitiligo ali na Santa Casa, então eu passava pela Andradas e aí foi que eu conheci a Companhia de Arte. Foi uma coisa assim e aí fiz algum curso, e eu assisti uma peça que era a Escola de Mulheres do Moliere. Lembro até hoje, eu fiquei “Meu deus, que texto louco dá para super criticar a relação dos homens com as mulheres” e eu não sabia direito o que era isso ainda, que dava para criticar, porque era essa coisa, uma Escola de Mulheres e tal, como a mulher tem que se portar. Tudo estava lá, um comecinho do feminismo em mim, mas eu não sabia, nem sabia nomear as coisas. Aí eu peguei essa peça, fui atrás na internet e levei para o grupinho da escola e falei “Gente, vamos montar isso aqui?” e aí só tinha guria e ninguém queria fazer o personagem do cara e tal, aí eu fiz o cara. Enfim, a gente apresentou.

Eu não lembro se foi antes e depois, eu acho que foi essa mesma professora, que alguém falou que tinha um grupo em Porto Alegre que se chamava Ó Nois Aqui Outra vez e que ia nos levar num sábado. Aí eu peguei trem com a galera, a gente foi pra uma oficina livre do Óh nóis, eu não sabia quem eram e não sabia nada, eu era adolescentezinha. Eu cheguei naquele lugar, assim, tinha um tablado, era tudo pintado de preto. E eu “Gente, que loucura esse lugar, as pessoas trocando de roupa umas nas frente das outras, o que é isso?”. Eu estava entendendo nada. Aí eu me lembro que era o Sandro, o Sandro que hoje é do Levanta e a Carla [que eu esqueci o sobrenome dela] mas que eles que ministrava a oficina e eles estavam fazendo A Missão, eu não via a peça na época, mas eles trabalhavam com um cordeiro, um pedaço de cordeiro na peça e aí lá pelas tantas, que trabalhava com Segunda Guerra Temática, só que assim, eu não entendia nada por que eu não tive aula de história, eu não sabia. Gente, Ditadura Militar, tudo isso não significava nada para mim porque eu não sabia, não tinha tido acesso a isso. E aí estava trabalhando a Segunda Guerra e botaram o pedaço da carne no meio dela para gente sentir o cheiro da morte, na oficina, num sábado assim, eu uma adolescente, não entendendo nada do que estava acontecendo. A galera fumou um charuto que era pra eu não sei, e aí acabou a oficina e alguém veio conversar comigo para falar que achava que eu era muito novinha ainda. Enfim talvez era melhor eu ir numa outra oficina ou esperar um pouco, mas eu ainda segui e aí a galera fez uma apresentação na rua. Aí eu lembro que a gente saiu era da Estação Farrapos, que era a sede, que hoje não é mais, mas era ali perto. Aí a gente foi apresentar e eu lembro que a gente saiu todo mundo de preto e aí todo mundo já saiu de pé descalço só que era aqui na Redenção, então a gente pegou o ônibus tudo de pé descalço, uma loucura. Aí apresentou o troço no meio da rua, um improvisado e me lembro que daí, era muito louco porque tudo eu achava muito legal, de estar na rua e fazer com as pessoas, eu lembro que uma pomba fez cocô meu cabelo, só que eu achei aquilo muito visceral, nossa eu estou entregue aqui na proposta, estava me sentindo muito assim, adolescente né, viajando. Aí eu lembro que fui ao pipoqueiro, que aí eu não tinha comido, eu perguntei “Ah, quanto que é a pipoca?” e ele falou “A moça não precisa se ofender, eu vou te dar a pipoca” porque eu estava de pé descalço, toda de preto e cagada, tipo enfim. E aí eu achei aquilo o máximo, que eu pensei “nossa eu vivi isso aqui!”. Mas aí beleza sou muito nova para esse lugar. Parei de fazer.

Cacau – Era uma oficina de um dia?

Carol – Não, era Oficina de Teatro Livre que acontecia aos sábados.

Cacau – E aí você se apresenta no mesmo dia?

Carol – Não não, só que quem entra eles têm coisa de integrar a pessoa no processo, então eu acho que eu fui duas três vezes e me integraram ali no coro. Eu apresentei junto, foi uma novidade total. Aí eu parei. Pensei “Gente, talvez não seja para mim ainda, não tenho 18 anos, sei lá”.

Mas aí, eu rodei por falta na escola, em uma disciplina. Assim, meu ensino médio foi ridículo total porque até a oitava série era assim, você só tem um futuro, perspectiva em Sapucaia se vai fazer técnico em algum lugar, e aí eu me preparei para as provas do técnico e tinha um que era em São Leopoldo e tinha o Cefet que era Sapucaia. Aí um sonho do meu pai era o Cefet. [é isso? Não, o

Cefet é de Novo Hamburgo, não sei, tinha o de Sapucaia e o de São Leopoldo]. Aí eu fiz a prova de São Leopoldo e passei, e não quero fazer isso, é uma coisa de técnico de polímero, um troço de plástico, umas coisas nada a ver comigo. E eu já queria fazer teatro naquela época. E aí eu pensei “gente, na outra prova você não posso passar” e aí na outra prova eu já chutei tudo tipo errado, fazia questão e eu falava “não, é isso aqui é a resposta certa e vou marcar outra letra, porque se eu passar daqui meu pai me arrastar pelos cabelos” porque não tem perspectiva continuar nessa escola e aí eu falei com meu pai “eu quero continuar nessa escola, que não é isso que eu quero fazer”. E aí foi bem a época que meus pais estavam se separando. Meu pai sempre foi muito parceiro, e meu pai perguntou “então tá é isso?” e eu “é isso”. Aí todas as mães ficaram loucas com meu pai falando “essa menina vai ficar grávida ano que vem, não tem futuro mais, acabou”, acho que foi meio assim, sentença de vida. Aí ficou eu e uns alunos que eram ruins na escola. E a aula de português era por disciplina, o ensino médio era uma loucura, porque o ensino médio era público e tal, mas aí saiu um esquema que era disciplina, tipo em português e matemática tinha do 1 ao 6 e física, química e história, essas outras tinha um e dois que, era só dois semestres. Então às vezes começava lá no primeiro ano, que fazia matemática e português, mas o que fazia Física e Química e acabou, que nunca mais ver nos outros dois anos, uma viagem.

Cacau – Era estadual a escola? Que diferente!

Carol – Diferente, horrível, horrível, e era uma escola estadual. E aí meu Jesus Cristo não respondi ainda.

Cacau – Não, eu só fui ver se estava gravando ainda.

Carol – Estou preocupada com o tempo e estou contando a vida toda. Aí, o português a professora dava para a gente tipo A Era do Gelo para a gente assistir, uma coisa muito fora. E aí minha mãe desde muito nova me ensinou a falsificar bilhetes com a assinatura dela. Então ela falava que se não estiver fazendo sentido, vai embora. Aí beleza. E aí eu ia para aula e a professora passava a Era do Gelo, pensava “gente não sou obrigada a isso, eu vou para casa dormir”. Aí eu pegava e falsificava e ia embora, aí beleza terminou a disciplina e eu tinha tirado 8 e pouco, alguma coisa assim. Mas eu nem estudava para nada. Enfim, era um nada com nada total, que escola era muito precária. Aí no outro ano quando eu fui me matricular, porque tu tinha que ir lá na escola para montar a grade, então tu meio que montava a tua grade porque tinha esse esquema louco. Eu fui olhar e o português não era o português correspondente em tese, estava com um atrasado, falei “gente, não está errado, eu tirei oito e pouco, vou lá olhar” e olhei, eu tinha excedido as faltas e fiquei sabendo só depois.

Cacau – Aí tu só soube só quando foi se matricular, nossa!

Carol – Aí eu fiquei muito mal, meu mundo caiu, mas meu mundo caiu. Eu fiquei “gente, como é que eu vou contar isso para meu pai”. Aí eu me lembro que eu chorava desesperada, chorava e chorava. Aí eu peguei um caderno, bem dramática de mais, peguei um caderno e fui escrevendo toda a história, tudo que tinha acontecido e deixei meu pai ler e chorava no quarto enquanto ele lia, e ele

falou “não, está tudo bem”, porque eu achei assim ao fim do mundo, acabou, realmente acabou. Aí eu fiquei um semestre a mais só fazendo uma disciplina de noite. Aí nesse período, eu fiquei fazendo isso. Passar na UFRGS diz que ainda não era um panorama. Começou a ser depois no final, mais no final do ensino médio que as pessoas começaram a falar que existia essa oportunidade de fazer uma universidade pública sem pagar... Vamos ver como é que é isso, aí meu pai “cara, não vai passar né, não tem como passar com esse ensino, impossível”, mas impossível, impossível mesmo. Vamos fazer um pré-vestibular. Meu pai juntou um dinheirinho para um curso pré-vestibular para mim, aí na minha cabeça o que eu queria fazer era ser engenheira ambiental, por que eu achava que, sei lá, eu estava preocupado com as questões ecológicas e tinha abandonado um pouco a coisa do teatro.

Cacau – Sabe que eu sonhei esses dias que eu era engenheira ambiental?
[risos]

Carol – Sério???

Eu tinha uma coisa assim, meio revolucionária, tipo vou mudar a forma como as empresas orquestram as coisas sabe, ou isso ou ser jornalista, eu achava que ia ser jornalista também, que eu ia transformar... Foi meio assim, não pensava ainda que o teatro poderia ser um caminho possível e uma licenciatura jamais.

Cacau – No ensino médio não tinha teatro?

Carol – Não, não tinha nada. E aí eu comecei fazer o cursinho e aí um dia meu pai falou assim “Ah eu fiquei pensando muito se eu te mostrava ou não isso, mas vou te mostrar”. Ele tinha achado um encarte que era da Terreira, que eu já tinha ido lá, e que foi enfim, aquele impacto, mas que era a formação da Terreira, que era um ano e pouco, com disciplinas e aula de segunda a sexta durante a tarde. Tinha um processo seletivo para entrar e aí ele falou “faz se é isso que tu queres” aí está beleza, fui fazer o teste, aí fiz, a gente do céu, que tristeza. Porque era um monólogo que era A Morte e a Donzela de Ariel da Ariel Dorfman, que era a ditadura chilena. Mas eu não entendia nada do contexto, zero politizada, zero. Era assim, só ia na carreata do PT com meu pai, era o máximo de interação com a política. Eu me lembro eu fui ao terreno da Terreira aqui na Cidade Baixa para pegar uma cópia do texto e tal, aí estudei para o monólogo, era uma cena super forte porque ela [não me lembro, não me lembro o nome da protagonista]... mas ela e o cara, na peça tem ela e o marido, e um cara lá tem um problema com o carro e ela só escuta a voz e pela voz ela sabe que é o médico que ficava nas sessões de tortura dela. Só pela voz. E aí o marido dela sai da casa e ela enfim, se vinga? que relação é essa, entendeu? ... E aí era uma cena superforte, mas não entendia nada na verdade, e lembro que ensaiei com uma cadeira, a cadeira era o médico e tal. Aí fiz a prova na Terreira e foi horrível, porque apresentei tal..., mas antes não falei, eu fazia estátua viva para a festa de 15 anos...

Cacau – como assim estátua viva?

Carol – Sabe estátua viva?

Cacau – Aquelas prateadas?

Carol – Sim. Porque tinha um cara lá em Sapucaia, que ele é vinculado com o teatro, mas nem era, ele fazia evento, aí ficava de estátua viva sabe, aí as vezes ia de palhaça para os eventos ou ia fazer estátua viva de 15 anos, era o auge da atuação.

E aí a prova da Terreira foi horrível que eu apresentei. E aí me lembro que estava tinha o Paulo, eu acho que o Clerio e estava a Clarice, que ela dava aula de História do Pensamento Político depois. E aí eles começaram a perguntar umas coisas, eles começaram a perguntar [ai gente que vergonha] começaram a perguntar sobre o contexto e tal, e eu não sabia nada da parte política, eu não entendia, lembro que me deu um apagão, nem sei o que eu falei porque eu fiquei tão nervosa que deu um apagão. Eu lembro fazendo a cena, lembro eles falando alguma coisa, apagou, e aí lembro que eles falaram “assim, se por acaso não passar, a gente tem as oficinas e tal...”

Pensei “fodeu, eu não passei, já era”, e aí engraçado também que eu não tinha roupa preta, e tinha essa coisa do “neutro” ser a roupa preta né. Aí eu me lembro que eu fui com uma calça preta que eu consegui e eu tinha uma blusa que era de stras do Mickey, só que ela era preta, aí eu botei essa roupa, só que assim, na peça o médico está indo encontrar a família dele que está na Disney, e aí tem toda uma crítica em relação a esse indústria no texto, aí eles falaram “veio com a camisa assim porque utilizou dessa imagem para fazer uma crítica?” e eu ficava assim “do que vocês estão falando? Que crítica? O que tem o Mickey?” entendeu? [risos].

Cacau – Com certeza estava fazendo uma crítica... [risos]

Só que não entendia nada. Aí está beleza, para encurtar a história, passei. Aí eu me lembro que foi assim, tinha que ligar dois dias depois para saber quem tinha passado e eu não queria ligar porque eu estava com muito medo. Então eu tinha ido no cursinho que era aqui em Porto Alegre, não lembro o nome do cursinho. Aí meu pai estava me esperando na estação de trem, quando descii estava o meu pai e meu pai não me esperava, pensei “ai gente... ele veio dizer que não passei né” aí ele falou “ai filha, infelizmente vai ter que largar o cursinho porque tu passou” e porque não tinha como fazer as duas coisas, e ele sempre foi muito muito parceiro. Aí larguei o cursinho e fui fazer Terreira. Foi um divisor total né. Imagina. Mas apanhei muito porque não tinha base nenhuma de nada assim. E aí a gente tinha aula tanto de atuação, de improviso, mas tinha muitas aulas teóricas e eu apanhava, ler era uma dificuldade porque era um abismo gigantesco, um abismo gigantesco. Aí tinha a resenha, o Paulo pedia resenha. Eu até consegui fazer algumas, mas eu não tinha coragem de tão insegura com tudo. Então estava se abrindo uma série de possibilidades, mas não conseguia entregar um papel escrito para o Paulo. Mas foi. Mas eu fui me engajando aos poucos, eu fazia de segunda a sexta. E eu fazia também as oficinas livres tinha de quarta-feira, tinha a de teatro de rua no sábado, eu fazia tudo. Foi assim, no primeiro ano quando eu estava fazendo todas as oficinas. Então uma galera estava começando a ser chamada, alguns colegas já tinham sido chamados para substituir atores que estavam saindo do Marighella, do Amargo Santos da Purificação, que era a peça de rua do Óh Nós daquela época. E nesse processo,

bem mais que o final, um dia o Paulo perguntou se eu tinha vontade e eu falei “Meu Deus, tenho sim” e ele falou “tá, então eu vou falar com o pessoal” e daí eu entrei para dentro do grupo para fazer o Amargo da Purificação. Aí eu viajei com eles no Palco Giratório e era uma peça de rua, eu tinha 18 ou 19 anos, são uns 10 anos atrás dez, 11 anos atrás. Foi muita coisa e foi muito rápido muito rápido. Enfim, aconteceu um monte de coisa só que eu ainda estava aterrissando, viajei para um monte de lugar e não entendia direito o que estava acontecendo. Também era muito nova, muito idealista também em algumas coisas. E aí percebi que às vezes o discurso e a prática deles tinham pequenas coisas que eram ali e sei lá, pequenos atritos que são normais de qualquer grupo. Só que como eu não tinha uma vivência de grupo, eu era uma pirralha, então eu achava que qualquer coisa era sinônimo de que não é perfeito, mas enfim, os tensionamentos são inerentes a qualquer relação humana. Então aí teve o Marighella e já era peça de rua, que foi algo que eu fiquei “gente é isso!” porque o dia quando estreei foi em um assentamento do MST aqui em Guaíba, e falei “cara é isso! Que loucura, é isso, eu quero ir aonde as pessoas estão, eu quero encontrar as pessoas”, a ideia da TV, a gente chegar na casa das pessoas, era isso. E aí eu fiquei muito apaixonada. Teve um processo de Viúvas, que era performance sobre a ausência que estreou na Ilha do presídio ou Ilha das Pedras Brancas, aquele que é entre Guaíba e Porto Alegre. A gente apresentou lá e essa peça também é do Ariel Dorfman, que era o cara do meu monólogo sobre a ditadura chilena. E aí teve essa temporada ali na Ilha das Pedras Brancas, que aí eu localizo como o primeiro lugar onde eu comecei a olhar para o presídio, porque eu estava atuando dentro de um presídio desativado e acho que foi assim, começou ali. Até na dissertação eu escrevi que ali que eu localizo. Só que aí nesse processo todo, como eu falei, como eu era muito pirralha, vários meus colegas estavam saindo da Terreira, eu pensei “Cara acho que eu também tenho que sair”. Que aí teve uma reunião que era assim, quem for sair avisa agora, porque imagina uma peça que tem uma superestrutura, Amargo Santo da Purificação era gigantesco, eram vinte e poucos atores, isso é muito. Aí se uma pessoa sai, todo mundo tem que ensaiar junto para conseguir botar a pessoa nova, é né. Aí eu fiquei pensando, foi muito difícil. Eu mandei por e-mail falando “gente, eu preciso pensar” e depois mandei uma resposta por e-mail resposta falando que eu iria sair. Aí saí e falei “acabou, que não tinha outro lugar, não tinha nenhum outro grupo que eu achava que queria trabalhar, então pensei que não ia mais fazer teatro”. Eu era muito nova, aquele era o grupo referência de Porto Alegre, onde é que eu? O que vou fazer? Acho que não é isso, não sei, vou fazer outra coisa. Aí eu fui estudar, porque pensei que gosto muito de história, gostei muito de história porque fui ter a história dentro da Terreira. Então pensei “acho que eu vou fazer história, vou fazer história ou geografia”. Ficava com essa pira assim, aí pelo ENEM eu fiz geografia, eu passei na UFRJ, que queria ir para o Rio de Janeiro sozinha. Meu pai disse “não para de ser louca, entendeu, como é que tu vais te manter lá, aqui já vai ser foda, como tu vai para o RJ, vai ter que trabalhar e ainda também nem conhece a cidade”. E aí na UFRGS eu fiz para história licenciatura, e eu entrei em raspando, raspando, raspando total. Lembro até hoje que quando fui fazer a matrícula os rapazes já nos ordenaram por colocação. Eu me lembro que eu cheguei cedo, então eu estava bem perto da porta para ser uma das primeiras, por ordem de chegada. Só que quando eles forem nos ordenando, gente, eu fui indo pra trás e eu fui indo para trás e fui indo para trás, eu fui indo pra trás e eu me sentia super

humilhada, tu já se sentes mal de ter passado nos últimos lugares...

Cacau – Sim, eu fiquei em penúltimo lugar no ano que entrei.

Carol – Eu também fui uma coisa assim, foi assim, passei raspando, raspando total. Aí, me lembro que me senti super mal, mas eu entrei na história achando que eu ia trabalhar a história da arte, ia ser uma coisa por aí. Só que o curso não é voltado para esse lugar. Aí já no primeiro ano já comecei a sei lá, de repente não é isso, eu fiz um ano e meio. Aí quando o segundo ano ficou mais forte, aí o Filipe me falou “cara, porque tu não vais fazer teatro e tal?” eu ficava “não, não, não rola” olha minha cabeça “vou fazer transferência para Artes Visuais” porque aí no meio disso, aí uma pira gente, mas a história da minha vida é muito louca. Porque no meio disso tudo, eu participei de um grupo espiritual, de desenvolvimento espiritual e tinha uma época que eu super tomava ayahuasca de 15 em 15 dias, ia no lugar de 15 em 15 dias e aí tinha uma mesa... estou contando isso porque a gente abria uma mesa de desenho no final, depois, pós trabalho. E ali tinha que desenho. Mas era só uma forma de me expressar e tal, e aí eu achava que eu poderia ser artista visual, mas o que eu queria artes sim, só que eu ainda estava fugindo do teatro. Aí eu descobri que na verdade eu teria que desenhar a natureza morta para passar na prova [risos]. Aí foi assim, não tinha vaga para transferência interna para as artes visuais e tinha para o teatro, tá, vou botar para o teatro. Se der tudo errado, sei lá, vejo se vou para o teatro, e vou fazer vestibular para as artes visuais, só que aí chegou lá, eles puseram a coisa lá, tipo o cenário, tinha o cavalete e eu tinha que desenhar tipo “esse copo aqui” com as técnicas de iluminação para fazer sombra, fazer do ponto que você está, e eu sei fazer três traços, precisava de uma técnica e acaba sendo uma prova super elitista, porque quem é que tem de fato também, já esse trabalho que pede um trabalho progresso. Aí não passei obviamente. Mas aí eu fiz a prova para a licenciatura em teatro e aí me lembro que foi a Gota d'água do Chico Buarque do Paulo Afonso o monólogo. Eu lembro que apresentei, eu me emocionei muito apresentando porque fazia tempo que não fazia teatro, nesse período eu não fiz. E aí falei “cara é isso”, entrei na licenciatura e fui me apaixonando pela licenciatura. E porque no começo eu ficava assim, eu tinha a coisa de atuação, de ser atriz e eu achava que ser professora tiraria parte da criação, o que hoje eu vejo que é uma total besteira, para mim professor de teatro e professor artista.

Cacau – E no teu primeiro ano tu tinhas cadeira da licenciatura?

Carol – Eu tinha, acho que tinha alguma coisa de fundamentos para metodologia sabe...

Cacau – Eu entrei muito perdida. Eu entrei para a licenciatura e aí começou com todo mundo junto e tinha uma cadeira da licenciatura, e eu via várias coisas e não conseguia encaixar isso com a pedagogia do teatro... fiquei perdida até 2019 que foi quando comecei a ter mais cadeiras voltadas para a licenciatura...

Carol – Aí você consegue visualizar melhor né. Eu também fui na metade do curso...

Quando eu fui da história para o teatro, quando tive que falar para meu pai, meu pai é bem meu amigo assim, minha mãe também, mas meu pai é bem mais presente em relação a essas coisas de trajetória acadêmica, profissional e tal, e aí quando tive que falar para ele que eu não queria história, eu lembro que estava no carro e falei “pai eu tenho que te contar uma coisa...”

Cacau – bem dramática... [risos]

Carol – Sim, bem dramática [risos]

Cacau – ele deve ter pensado várias coisas, tipo essa menina está grávida ou ela descobriu que tem uma doença terminal... [risos]

Carol – [risos] ... Aí falei “então não é história, vou pedir transferência para o teatro” e ele falou “filha, deveria ter feito teatro desde começo”. Aí eu lembro que ele não fez faixa de bicho para história, mas para teatro ele fez.

Cacau – Quando você entrou para história ele ficou feliz?

Carol – Sim, ele achou legal, mas quando eu fui para teatro ele ficou muito feliz, ele apoia muito.

No começo eu pensava no trabalho de atriz, ver trabalhos de atriz tinha coisa muito por aí. E aí eu me lembro que na disciplina [eu acho que era um professor que se aposentou] eu acho que era o Gil. Ele deu essa disciplina que era tipo Fundamentos para metodologia, alguma coisa assim, e aí eu me lembro que eu já estava com um trabalho voltado para a prisão, olha a loucura, no primeiro semestre. Eu falei “cara eu queria trabalhar na prisão” do nada, ele falou para Foucault. Aí eu no primeiro semestre eu peguei o Vigiar e Punir para ler, pensei “gente, fodeu”, lembro que fala para o Filipe “me ajuda, lê comigo isso aqui”. Porque era isso, eu começava a ler, lia e parava, ia aos pouquinhos. Que nem me orientando, eu pedi para ele ler um pedaço, lê um pedacinho só e vamos ler juntos.

Aí lá nesse primeiro ano, já tinha um projeto voltado para isso... Onde que era para chegar? Ah “como surgiu o desejo” não era isso? Acho que isso já foi respondido, acho que sim... As loucas e vai o papo... [risos]

Eu queria já fazer um trabalho voltado para a prisão. Eu tinha um projeto. E eu ia falar da iniciação científica na época, era isso, que eu fazia monitoria de libras e já no segundo semestre teve a chamada para ser bolsista do Clóvis, eu não sabia quem era Clóvis, nada assim, mas eu cheguei e falei “Oi, tudo bem? eu fazia história...” e aí tinha a ver com a história oral. Acho que por isso que ele me selecionou, só que trabalhava com depoimentos de diretores e diretoras de Porto Alegre, para refletir a história de Porto Alegre, do teatro de Porto Alegre e depois mudou um pouco, foi para a parte da dramaturgia, que era algo que eu tinha interesse mas sempre me achei muito ruim, então eu participava mas não mostrava nada ou mostrava coisas que pensava “sou ridícula”. E aí depois teve a mudança dele falar “tá a gente quer entender as histórias de vida das pessoas e isso alimentar o trabalho dramaturgico” e eu falei “tá, eu quero trabalhar com pessoas encarceradas”. Foi isso no último ano, que aí eu dei uma oficina no Presídio Central, de um dia, a partir de um projeto de direito no cárcere. E aí depois eu desenvolvi um trabalho no sócio educativo voluntário

também, com as meninas e aí foi meu TCC e a partir desse trabalho. Deus, mil anos e a gente não para de falar, socorro!

Cacau – eu gosto de gente assim!

Como é que foi construído o trabalho e essa relação com essas mulheres, porque tu trabalhaste mais que mulheres, isso?

Carol – Sim, trabalhei mais com mulheres, o trabalho no central foi um dia só. Porque foi assim. Eu queria trabalhar a questão de como é que se desenvolve um projeto, tipo tu chegas e “Oi, eu sou a Carol, tudo bem?” na instituição “eu gostaria de dar oficina de teatro”, hoje eu vejo que precisa de uma estrutura, de um projeto. Hoje eu compreendo isso, antes eu chegava nos lugares, mandava e-mail e falava “Oi, tudo bem? Eu gostaria de desenvolver uma oficina voluntária”. E aí eu pensei que não rolava por aí. Acho que foi o Clóvis que me indicou a Carmela, que é uma advogada e que tem toda uma atuação voltada para a galera que está aprisionada, que atuava no Central e aí tem esse projeto direito no cárcere. Aí falei com ela e me aproximei a partir daí, e ela disse que eu poderia ir um dia e dar uma oficina de uma tarde. Foi uma experiência de um dia, mas eu sempre falo dela porque cheguei lá e teve toda aquela coisa de passar pela revista e tal, de não poder entrar com nada assim. Para visita eu percebo assim [já atuando no feminino] que há uma diferença de quem é visita e de quem está fazendo um projeto, porque eles pensam que a visita pode levar alguma coisa para favorecer a pessoa que está lá. Aí no Central tinha mais coisa, tinha que passar pelo detector de metal e lá no feminino não tem, onde eu atuo lá em Florianópolis e já de Joinville tem um scanner corporal que tu entras e vai andando assim, vai por uma esteira e mostrando tudo. Aí no Central entramos ali, era Carmela, eu e mais uma senhora que era enfermeira e ia falar com eles assim, e mais um rapaz que era egresso do sistema [a palavra egresso não gosto muito e gosto mais de utilizar sobrevivente, tem uma a pesquisadora Aline Campos, que ela fala sobrevivente eu acho que faz muito mais sentido sabe, utilizar sobrevivente do que egresso] mas então tinha esse rapaz junto. Fui fazer oficina [gente foi muito louco porque a gente entra numa galeria, que é a galeria da galera que não utiliza droga, tem um esquema entre eles mesmo de combinados, que a pessoa precisa fazer para estar ali] só que eu achei que eu ia entrar e ia ficar longe, não sabia ia ser nada. Aí entramos e não ficava a gente junto, ficou eu, mais a Carmela, a senhora e mais o rapaz que era o sobrevivente do sistema, porque ele já tem tanto uma relação de confiança, que a galera entra e te tranco lá dentro com 40 homens, é muito doido assim, e eu era uma guriuzinha. Claro, por já ter uma relação de confiança desse projeto. E aí fica assim, a galera entra com a câmera também, é tudo muito tranquilo, o câmera precisa para tirar foto, e aí a câmera passa por eles também, é toda uma outra relação nessa galeria, não sabemos como é ir pra dentro do central, é outra coisa.

Cacau – Como foi entrar lá, eles te acolheram?

Carol – Sim, foram super acolhedores. Mas aí eu senti coisas em relação a gênero que eu pensei “Tá, acho que não estou preparada, talvez ainda, para trabalhar com homens”. Ninguém, nenhum homem foi indelicado, abusivo, nada disso mas sei lá, eu percebia que usando uma legging, às vezes alguém olhava

para meu corpo, coisas assim, o toque é diferente, foi meio assim mas super rolou a oficina, foi muito legal, eles gostaram da proposta e aí eu me lembro que cometi um erro, que hoje em dia eu já não cometeria, dois erros na verdade, dessa experiência eu tinha levado uma bolinha pra fazer um jogo aí um dos oficinairos falou “ah, essa bolinha é muito pra fazer massagem não poderia deixar aqui pra gente?” eu falei “sim”, eu era ingênua entendeu, mega ingênua. O problema não é pela Instituição eles encontrarem esse objeto, porque ali era tranquilo nesse sentido, mas ela falou que “tu estás dando para uma pessoa específica ali, tu estás favorecendo-a em relação às outras”, ela já me corrigiu, mas depois, eu já tinha feito. Digamos que essa foi a primeira gafe da atuação, aí a gente saiu, foi muito legal a fala e tal, tudo foi muito bom. No final a Carmela deu uma carona para mim, a senhora não me lembro se ela deu uma carona, não lembro, e mais o rapaz que era sobrevivente do sistema, e eu estava muito [eu queria escrever uma dramaturgia sobre as histórias de vida dessas pessoas] então eu estava muito interessada em ouvir ele e eu ficava perguntando coisas, perguntando, perguntando e demonstrando muito interesse. Aí eu parei numa parada que eu tinha que pegar o ônibus e ele também ia parar nessa parada e eu super perguntando. A gente pegou mesmo ônibus e eu super perguntando, interessadíssima e tal, beleza, aí no final “tchau” e ele falou “nos falamos” eu falei “nos falamos”. Quando eu cheguei em casa, a Carmela falou “olha só, a pessoa x está te procurando, queria saber do teu número, veio me pedir ter um número e tal”. Aí ele estava tentando me adicionar no Facebook, uma coisa assim, e aí eu percebi que “tá, tem que ter muito cuidado, porque é uma pessoa que é completamente invisibilizada e ninguém quer escutar a história de vida dela, aí do nada chega uma mulher super perguntando, e vamos se ver de novo” então ele achou que eu estava dando abertura para algum tipo de relação afetiva/amorosa sabe, aí eu pensei “tá, tenho que ter mais cuidado, tenho que ter cuidado nessas relações porque pode cair para outro lugar”. Aí foram duas coisas que eu fiquei assim. Então eu pensei que queria atuar com mulheres. Aí eu tentei atuar no Madre Pelletier, não consegui. E aí eu consegui ir socioeducativo no Casef, que eu atuei com as jovens, que é o Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino (FASE).

Cacau – e esse foi o teu TCC, com esse projeto?

Carol – Sim, aí eu refleti meu TCC e a partir da experiência que desenvolvi com as meninas, que eu já tinha a ideia de pensar a questão da escuta, na relação e da escuta a partir das histórias, isso ser um material, a ponte para a criação artística pedagógica.

Cacau – quanto tempo trabalhou com elas?

Carol – Acho que trabalhei um pouco mais de um semestre, e como era todas as segundas feiras, eu pegava o ônibus aqui na frente e morava na João Pessoa, eu pegava o Menino Deus só que era um horário difícilíssimo, que era das 20:00 às 21:00 da noite ou das 21:00 às 22:00, era um horário muito tarde, porque era o que era possível e que hoje em dia, eu entendo que é assim, o que a instituição te dá “vamos” mas não “vamos” porque eu acredito no que a instituição está fazendo, mas eu acredito que o trabalho que a gente está tentando desenvolver juntas, pode ser pertinente também para essas pessoas assim como é pertinente

para mim também, que é uma relação que me alimenta. Não vou lá para “salvar” alguém, eu acho que era mais “viajandona” nesse sentido, achava que eu estou levando alguma coisa, não, estou indo lá propor um espaço de encontro, assim, como “propor o propor”, que o Flávio Desgranges fala isso partir do Hélio Oiticica, que eu acho muito legal, mas que se encontra e não sabe o que vai acontecer, mas que é isso, é tentar ali naquele espaço tão árido naquele tempo suspender algo ou tentar ressignificar. E aí eu queria trabalhar com as histórias de vida com elas.

Cacau – Como é que foi o primeiro dia?

Carol – Não lembro o primeiro dia especificamente, mas eu era muito insegura, não que eu seja hoje, mas eu era muito insegura e eu tinha a coisa a ideia do plano ou assim fazia os planos de aula. Eu achava que o plano era uma coisa que eu pensei que é cinco minutos de cada coisa, eu achava que tinha que aplicar em cinco minutos, quase um aplicar o plano. Como é que eu tenho obviamente uma pressupostos de trabalho e tudo mais para aquele encontro, mas não é uma prescrição, mas como é que a gente vai gerando um espaço criativo. Então eu não tinha muito isso. Mas eu acho que eu já tinha algo de não forçar de forma alguma nada, eu pensava que elas já têm um espaço que são forçadas a uma série de coisas, quem sou eu que vou chegar lá e forçar a pessoa, como “ah não, vai improvisar, vai entrar em cena”, nada disso. Tentar construir uma outra relação. Então tinham vezes que elas não estavam muito afim e a aula virava fazer Stop, vamos desenhar, então também tinha esse lugar assim.

Foi muito legal porque eu acho que ali começou a cair e cada vez mais os estigmas que eu tinha e eu acho que são estigmas que percebo que muitas pessoas têm, que achar que um trabalho na comunidade vai ser menor em termos artísticos do que um trabalho com atores, com atrizes. E eu via tipo ali pulsando sabe, coisas que as pessoas lá fazem quatro anos um curso para desenvolver presença a pessoa está em presença porque a vida da pessoa é estar em presença sabe, eu acho é muito outra relação assim. Que tipo tem coisas que estão ali, está encarnado aquilo, uma pessoa que sei lá, mora numa comunidade que é supercomplicado, a pessoa tem que estar alerta o tempo todo, consegue fazer várias coisas que às vezes a gente de fato, joga e joga e joga um monte de coisa para você prestar atenção e a pessoa, se ela não está lá, morre, a vida dela está em risco. Então eu vi uma pulsação assim e revelava uma surpresa num primeiro momento e depois essa minha surpresa mostrava os próprios preconceitos e as imagens que eu tinha em relação a essas meninas sabe. Isso e também as histórias de vida, que eu era super interessada em trabalhar as histórias de vida, que elas têm que ser ressignificadas, beleza, que eu acho que pra todo mundo no teatro a gente tem essa possibilidade, mas talvez eu falar sobre o passado da pessoa, a forma como eu estou trazendo ou falando que é interessante trazer, talvez não seja de fato para aquela pessoa, talvez esteja reforçando um papel, talvez seja reforçar um estereótipo. Então isso eu fui entendendo depois. Depois total, durante esse trabalho mais ou menos e isso não está colocada no meu TCC, isso é uma coisa que caiu minha ficha acho que na dissertação, no trabalho no presente feminino. E aí entender cada vez mais que não é assim, eu tenho o Eugênio Lima uma vez, que é do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos de São Paulo, ele fala uma coisa que “eu gosto de teatro, mas

não é para tanto” e eu gosto dessa fala, porque é assim, gente “não vale tudo por causa de teatro”, a vida vale mais é mais importante. Eu gosto tanto de teatro que eu tenho que ter essa consciência. O teatro é uma das coisas uma das coisas mais importantes para mim, sim, mas a vida e as relações estão antes disso. Foda-se meu trabalho pedagógico, foda-se que meu objetivo é apresentar uma coisa que eu pensei, se isso não está acontecendo na relação, então foda-se, que aí eu acho que a diferença também de teatro, quando se pensa na Márcia Pompeu que ela fala do “para a comunidade”, como é que tu fazes com a comunidade, como é que vai se estabelecendo esse lugar sabe. E aí o mais difícil é que, hoje ainda, conceitualmente eu não sei dizer qual a melhor forma de alinhar, me liminar em relação ao trabalho, porque é uma comunidade que é imposta para essas pessoas. É uma comunidade que é tipo geográfica, mas que não é geográfica porque a pessoa mora no bairro X. Ela está ali porque ela por outros atravessamentos. Então como é que isso vai gerar um senso de comunidade sabe, mas ao mesmo tempo gera um espaço comum. Porque tem a discussão, se é um trabalho feito na comunidade ou se a gente se alinha ao teatro como ação cultural. Também tem essa discussão, mas eu ainda não sei dizer. Eu gosto de pensar de comunidade de aprendizagem, que a Bell Hooks fala, que é algo que é bacana assim, acho legal, do livro Ensinando a Transgredir. Também era uma das coisas que eu fui entender depois, porque eu achava que eu era estrangeira naquele lugar, só que aquelas meninas também são estrangeiras daquele lugar, elas não pertencem àquele lugar, elas não devem pertencer àquele lugar. E aí eu entendia como se eu fosse de fora, que ainda é uma visão muito colonizadora, e aí que eu acho que essas práticas em geral ainda se tem muito sabe, que aí a gente chega achando que a gente sabe esse lugar e esse lugar onde está o teatro vai “salvar”, e não gente, às vezes não, entende? Saber o limite do nosso trabalho também, que hoje em dia na prisão eu percebo que tem um grande limite, que hoje eu compreendo, e isso só eu fui entender no meu mestrado que a perspectiva do meu trabalho é a perspectiva de abolicionismo penal, tipo eu não acredito na ressocialização, é falácia total, que daí no meu TCC ainda está lá, eu falo da ressocialização, falo das medidas socioeducativas. Hoje em dia não sabe, não.

Cacau – Como foi que caiu essa ficha, foi quando montou o projeto?

Carol – Essa ficha começou com as discussões teóricas mais nos grupos de pesquisa mesmo no mestrado, de entender e de perceber que atuando dentro daquele espaço, como tu vai ressocializar, só própria ideia de ressocialização se tu estás tirando justamente a pessoa do convívio social, que ideia é essa entendeu? Não faz sentido, aí olha a taxa de reincidência, e olha a taxa dessa juventude que está sendo presa super jovem e que depois vai ver, que eles estão [em tese não falaria preso, porque no socioeducativo a pessoa está cumprindo uma medida socioeducativa de regime] mas enfim a premissa é a mesma, tira do convívio e tira do convívio social, tem medidas diferentes, tem algumas que a galera pode sair, tem como internação e sem internação. E vários jovens e depois tu vais ver é a galera que está presa depois num presídio mesmo, tipo na vida adulta, fez 18 anos o cara só muda de instituição, tipo a Jurema que é uma das meninas que trabalhou comigo no mestrado. A história toda da vida dela, ela e a irmã. Ela em tese, teve nesse espaço socioeducativo que onde ela deveria

ter todo um acompanhamento socioeducativo, deveria ter possibilidades educativas e tudo mais, mas acabou que a guria está lá porque também é isso, tu marca essas pessoas para o resto da vida. Dependendo de como vai constar isso e aí, a gente fica só auxiliando nesse processo de continuidade, de alimentar também essa perspectiva “o cara vai voltar, o cara volta o rapaz tipo volta pro crime organizado” e por aí vai.

Cacau – Minha mãe me contou, que no caso, as cuidadoras contaram para ela, não sei se foi verdade. Que quando a minha mãe biológica me teve, ela tinha 16 anos, veio de uma família muito humilde, foi expulsa de casa, então ela vivia por aí. Quando ela me teve no hospital, ela chegou a me pegar no colo, inclusive foi ela quem me deu o nome de Carolina, só que depois fugiu do hospital, porque era menor de idade então se ela ficasse na rua, ela seria mandada para a Febem também, que foi a instituição onde fiquei antes de ser adotada.

Carol – Acontece... Quando tu estás dentro dessas instituições que vai caindo umas fichas assim, eu tinha alunas lá no feminino, que assim, ela foi presa não porque ela cometeu algum delito foi presa porque ela é usuário de crack. E aí eles não têm política pública para “enfiar” essas pessoas em algum lugar, porque é isso “enfiar” a pessoa em algum lugar para fazer um tratamento, ali para reabilitar a pessoa. Enfim, é viciada, os policiais prendem, porque pegaram uma vez ela na rua, a fulana lá está mais uma vez na rua viajando, tá beleza notificou mais uma vez, mas uma vez, mais uma vez e quando vê a pessoa é presa, eles tiram a pessoa da rua e colocam ali dentro da penitenciária, medicam a pessoa. Eles vão medicar, vão medicar com remédio psiquiátrico e muitas ficam dopadas. A gente tem uma medicalização das mulheres gigantesca, gigantesca, são dopadas para conseguir cumprir a pena delas.

Cacau – quanto tempo elas ficam presas?

Carol – Pois é. Não sei dizer, mas tipo tinham duas e aí uma delas saiu e antes de sair ela falava que ela tinha muito medo de sair, que ela ia tentar ir para o interior porque ela achava que ela ia voltar e aí depois encontraram ela na rua lá em Floripa e estava seca, seca de novo, certamente ela tinha voltado.

Cacau - Como a instituição lida com elas e com quem trabalha lá dentro? Como foi a sua relação com essas pessoas que trabalham lá dentro com elas, tu foste bem-vista para elas, recebeu um incentivo bacana, a instituição apoiou esse projeto?

Carol – Entendi, com o corpo funcional, a gente nem sempre lida com as mesmas pessoas. Eu atuava no feminino todos os sábados, das duas às cinco, no presídio feminino de Florianópolis PFF. Passamos pela diretora primeiro, teve todo um projeto, eu fiz um projeto já que era teatro memória [acho que era esse o nome] que era já voltado para minha pesquisa do mestrado, que meu orientador super acolheu. Isso é legal. Eu fui para Floripa porque tinha lido o livro do Vicente. Foi assim que eu conheci e aí uma vez ele veio falar no DAD também e eu pensei que era a pessoa que eu precisava me aproximar para poder fazer um trabalho dentro de um presídio. E

ele já desenvolvia um projeto, e o Vicente é um professor que é muito acolhedor, então não é um projeto que é dele e sim ele está. Ele entende que ele tem parceiros e parceiras então ele quer que o projeto aconteça. Ele não tem essa centralização. Então ele falou “beleza” e fui fazer o mestrado com ele, falou “vamos fazer então tem o projeto do mestrado” isso em 2019, em fevereiro a gente começou a dar aula lá. A gente passou pela direção, porque ele passa pelo juiz, porque como ele já desenvolve um trabalho desde 2017 lá, já há um tempinho ele conseguiu a questão do direito à remissão, que seria a partir de tantas horas que elas fazem uma atividade complementar educacional como é o caso da oficina. Elas conseguem abater dias na pena delas se elas têm esse direito. A própria Lei de Execução Penal elas [em tese] todas poderiam fazer, deveriam ter direito, mas não é para todas, tipo a gente tem 100 mulheres, a gente tinha 15, então uma parcela muito pequena, 15 por cento digamos. Aí tem várias coisas que a gente não sabe, quem chega na oficina para nós, não é a gente que seleciona essas mulheres. E aí a gente vai ter questões como o bom comportamento entre aspas, coisas que ali a gente não sabe quais são as relações que estão em jogo. Porque quando tu perguntas qual a relação do corpo institucional com elas. A gente tem um limite do que a gente pode ver. A gente nunca viu ali, tipo elas sendo maltratadas, nem nada. Nunca viu isso. Mas a gente não está ali o tempo todo. É só um recorte, um recorte muito pontual, muito muito muito pontual. Aí, eu acho que isso dessa limitação. Elas, como mudavam muito os guardas quando a gente chegava no trabalho, tinha guarda que era muito tranquilo, muito tranquilo, a gente chegava lá antes das duas porque tem isso, se vai chegar no mínimo à 13:30 porque tem que ter todo o material ali para que eles possam ver se bate com o que tu falaste que ia levar, guardar as coisas ou não, Enfim. Mas tinha pessoas às vezes que ficavam tratando com pequenas coisas ou às vezes a gente chegava e nos falavam “hoje não vai ter oficina porque está acontecendo x coisa” ou não nos davam nem explicação. Então tinham dias que não acontecia e a gente falava “ok, fala para elas que a gente esteve aqui” porque para elas é importante, porque se não é uma relação que tu abandonas ali. Então tem uma implicação ética de falar “não, em todos os sábados eu estarei aqui” se eu vou conseguir entrar ou não é uma coisa que não tem a ver com a minha vontade. E às vezes eles não avisaram para elas, as vezes era como se a gente não tivesse aparecido. Então tem coisas que a gente não sabe direito o que acontece. Mas aí, tem até um artigo que o Vicente e eu escrevemos juntos, que a gente fala que é uma relação meio corda bamba, porque para as agentes a gente não pode parecer que “estão se perdendo na relação” ficando muito amiguinhas delas, então eles têm que dar limites entre aspas e para elas a gente tem que fazer elas perceberem que nós não somos uma extensão das agentes, que não estamos ali para vigiar elas, nem nada disso, mas fica numa corda bamba porque ao mesmo tempo às vezes com elas ali [nunca tinha problema] a gente dava aula em dois lugares diferentes, mas depois a gente fica trancada junto com elas no espaço. A gente nunca teve problema de não poder tocar nem nada, mas uma vez no espaço socioeducativo, uma vez uma pessoa que estava ali cuidando ela ficou brava uma menina me abraçou e ficou abraçada um tempo comigo, aí ela falou “não abraça mais elas”, mas não tinha sabe, e isso varia muito de lugar para lugar.

Cacau – por que não podia abraçar?

Carol – É que lá tem uma coisa assim, para as jovens... ali é até conhecido como Casa de Bonecas, o nome do CASEF, aqui na Fase com as meninas eles conhecem como casa de bonecas porque para todos, mas para o sócio educativo sobretudo, eles têm uma ideia meio de moldar a menina sabe, para ser uma boa moça, então é tudo pintado de rosa. Tem algumas coisas que não são sutis, que a gente percebe que não é nada sutil, mas digamos que são sutis entre aspas tudo é pintado de rosa, os cursos que elas têm é uma coisa meio Corte e Costura ou Cabeleireira e ali antes funcionava a lavanderia que era de todas as unidades, ou seja, as roupas dos meninos vinham para ali e para elas lavarem as roupas dos meninos. Então está de certa forma incentivando-as com coisas que são atribuídas para a mulher fazer. E aí tem meio que na sombra assim que é a questão das relações homoafetivas, então para as meninas, tipo ela está abraçando a professora então tem algum interesse em relação a professora, essa é meio homenzinho sabe. Então tem essas questões também, de gênero e de sexualidade, que ficam meio veladas, mas como se dá pelo corpo as nossas práticas, tipo a galera fica meio assim, não é bem-visto, pelo menos o pouco que eu vi assim, não era.

Cacau – No CASEF elas não estavam ali por questão de usuárias de drogas, como no exemplo do PFF?

Carol – Não, ali era normalmente o que acontece no socioeducativo, como elas estão ali cumprindo regime educativo de internação, deve ter sido algum delito grave, porque a gente só tem uma unidade aqui, vêm as meninas do interior, são distanciadas da família, não é que nem o masculino que tem um número maior digamos. Aí então, normalmente eles só recorrem a isso para delitos graves e aí é muito foda porque se tu vais pesquisar, tem meninas que às vezes, quando tem um crime que tem a ver com violência ou às vezes até com morte, as vezes é a morte do agressor delas ou um abusador, tipo um pai ou o companheiro da mãe, rola umas coisas tipo assim entendeu. Isso é outra coisa que a gente vai aprendendo também, tu nunca vais perguntar por que a pessoa está ali. Jamais, jamais, jamais. A gente vai sabendo por que elas se sentem à vontade e contam. Falando da relação da instituição, isso é uma coisa que a gente vai também aprendendo, para elas é muito bacana que a gente faça trabalhos assim, porque a instituição fica com uma cara bonita entendeu, tipo legal, práticas ressocializadoras estão acontecendo aqui, fica meio assim sabe, e fica total Alice no País das Maravilhas sabe, só que a gente tem que se fazer de Alice para conseguir continuar com o projeto. Só que ao mesmo tempo entendendo que, o que a gente produz não vai só alimentar o próprio sistema prisional, como é que eu não estou só a serviço disso, de se falar assim “viva a humanização das prisões”. Não, não acredito na humanização por exemplo. Eu quero o fim das prisões, é muito louco e muito contraditório, que ao mesmo tempo tu atua lá dentro assegurando o direito das pessoas terem acesso à arte. Cada vez mais eu acho, no grupo de pesquisa que eu participei e agora desde o final do mestrado, acho que eu estou entendendo melhor a partir do abolicionismo penal que o teatro tem que ser mais um braço pra gente discutir o encarceramento em massa, e aí seja com as peças que elas fazem, que é uma que é uma coisa que eu tenho entendido, fizemos Estendemos Nossas Memórias ao Sol, que a gente apresentou duas vezes em 2019 com as meninas

lá no presídio feminino e apresentamos no Teatro da Ulbro lá em Florianópolis, e apresentamos dentro da UDESC no CART. Então o que acontece, a gente tem as pessoas que com a chamada da peça vão porque são familiares e aí a pessoa tem uma oportunidade única, porque não é todo mundo que pode entrar e visitar. Aí vai ver uma pessoa estava vê há muito tempo. Só que ela vai ver uma pessoa que não vê há muito tempo e a pessoa não está vendo aquela geografia do cárcere sabe, a pessoa não está ali presa, a pessoa está ali ela artista, ela no centro da cena, ela sendo aplaudida de pé. É outra relação para que os próprios familiares. Tem um dia no Teatro da Ulbro, no final da apresentação uma criança de seis anos, o filho de uma delas, ele entrou e subiu no palco correndo para abraçar a mãe e aí ele falou “mãe eu fiz seis anos”, e ela falou “eu sei meu filho” e ele falou “mas eu não tinha falado ainda”. Sabe o que é, tipo, para eu conseguir minimamente, a partir do teatro possibilitar um encontro desses, é para uma mãe ou para um familiar, poder ver a filha em uma outra constituição que não é aquela que desumanização a pessoa, que a pessoa está com o uniforme, está com um troço aqui, que às vezes não é nem chamada pelo nome às vezes é chamada pela matrícula. Para mim é isso assim, sabe, como é que o teatro vira justificativa para promover um encontro. A gente fala teatro é a “arte do encontro”. Aí eu entendi que é a arte do encontro mesmo, entendeu, por que efetivamente é um encontro. Então tem essa parte dos familiares e que eu acho que já vê ali a pessoa de outra forma, que é colocada em primeiro plano é artista. E aí as pessoas, o público em geral, é muito massa, é foda mas é massa ver que as pessoas se surpreendem porque vê que elas têm uma puta presença de cena, que as mulheres são foda, a peça é boa, a peça não é vitimista, a galera ri, é interessante, e então a galera se surpreende, e a gente se pergunta por que tem essa surpresa, porque ainda está com uma visão e quando se fala coletivo de teatro do Presídio Feminino de Florianópolis, a pessoa pensava “ah, vou ver uma presa” ou vou ver uma criminosa e ela chega lá e vê que não, que ela está vendo uma artista e aí ela se surpreende assim, e essa surpresa, acho que é uma das coisas que me motiva a pensar nisso, eu acho que é um braço para discutir o sistema prisional, porque ele se alicerça a partir das imagens de controle. Tem a Patrícia Rio Collins, que ela fala sobre as imagens de controle em relação às mulheres negras, tem várias, ela vai falando sobre essas imagens que são colocadas e que elas fazem com que essas mulheres desempenham papéis específicos na sociedade porque acaba se dando só esses caminhos né. E aí o Vicente tem falado sobre isso, a gente nem tem publicado ainda nada, isso é uma das coisas que a gente tem que falar, a gente precisa escrever sobre isso, porque é uma relação nova, que é de pensar o quanto o teatro pode ser desestabilizador dessas imagens de controle em relação a essas mulheres encarceradas, porque quando tu propões imaginar uma pessoa presa. A gente tem um imaginário social em relação a essas pessoas sabe, ou imagine uma prisão e aí pensa as piores cenas de rebeliões, a galera cortando cabeça de agentes, que são todos uns monstros e coisas assim, e é isso que vai estruturar esse sistema, a gente achar que tem monstros lá dentro e que são pessoas que realmente têm que ser retiradas do convívio social e aí tu vai reforçando essas imagens e vai fazendo com que as pessoas não dialoguem com quem está lá e nem com a realidade que está ali, é algo que constituiu a nossa sociedade mas é como se tivesse apartado. Ângela Daves vai falar que, tem uma questão que é de naturalização, tipo a gente não imagina uma sociedade sem prisões, se falar em tentar outras alternativas, as pessoas

pensam é doido, é utópico isso, tem uma naturalização, mas ao mesmo tempo a gente tem uma invisibilização, a gente tem uma ausência de relação com, e ao mesmo tempo, aí tem um ciúme né, a gente tem uma série de produções cinematográficas, porque muitas vezes elas vão só exorcizar, reforçar estereótipos ou romantizar. Mas a gente não está olhando de fato para essas questões e aí eu acho que o que é o que a gente pode e a partir do teatro desestabilizar essas imagens de controle a partir do encontro do público com essas mulheres sabe, mostrar que são mulheres singulares. E aí o que a gente pode desdobrando disso.

Cacau – Os espectadores foram até o presídio assistir?

Carol – Isso foi muito legal, a gente conseguiu que elas saíssem do presídio para apresentar, o juiz deu essa liberação e era o maior festival de Florianópolis que o Vicente foi convidado e o grupo todo foi convidado para compor o vigésimo quarto festival de Isnard Azevedo, que foi quando apresentamos na Ulbro e aí tem uma logística, porque elas vêm do presídio com uniforme, algemadas com mão e perna, tudo, tudo, tudo, tudo bem foda na real, aí vêm os agentes junto com as armas, entram no teatro olhando possíveis rotas de fuga, tipo, aí elas sentadas ali algemadas e depois enfim, aí libera uma série de coisas que a gente tinha que ter um cuidado, por exemplo de fazer uma listagem de todas as maquiagens, de todas as coisas que a gente tem no camarim para elas, não por causa delas, mas porque se isso não acontece, não porque uma mulher vai pegar um pincel e vai matar uma agente, não vai ser reincidente, mas se some um pincel ali e depois aparece lá dentro do presídio, vão falar “taí um motivo para acabar com o projeto”, por exemplo. Então a gente vai aprendendo meio que a traçar certas estratégias e se comportar de certas formas, não porque a gente concorda, mas porque a gente entende a pertinência de continuar com o projeto e não ferrar com elas.

Aquele dia, foi foda ver as pessoas chegando algemados, pelo menos elas não foram expostas algemadas nem nada, chegaram antes e tal, mas assim pensa que nas coxias a gente tinha agentes armadas.

Cacau – E eram homens?

Carol – Tinham homens e mulheres, tinha um homem e o resto eram mulheres.

Cacau – E quando iam trocar de roupa?

Carol – Não, elas trocaram de roupa no camarim e aí com as agentes junto.

Cacau – Mas elas tinham que trocar de roupa na peça, nas coxias?

Carol – Não, nas coxias só tinham elementos... E a gente se apresentou ali e lotou o espaço, foram quase 250 pessoas no teatro, foi abarrotado, tem a gravação no YouTube e não é boa gravação, a qualidade, mas dá pra sentir um pouco de como foi sabe. E aí a gente terminou a peça, foi para um momento bem importante, teve o filho que foi falar com a mãe e aí algumas conseguiram abraçar, tem um registro fotográfico também no dossiê do Regimento de Teatro e Prisão que saiu ano passado, e aí que dá para ver um

pouquinho das fotinhos que é legal. E aí algumas conseguiram abraçar as pessoas, a diretora do presídio que estava junto deixou, que a gente achou que não ia acontecer. Então depois a gente foi lá para baixo pra fazer um momento meio café, nós compramos coxinha, docinho, refrigerante, essas coisas que são coisas que elas não comem lá dentro. Aí tem umas coisas que a gente vai aprendendo aos poucos a baixar nossa bola, a gente estava lá e chegou um professor da UDESC que não trabalha com elas, mas foi lá dar parabéns e tal, aí uma delas foi oferecer acho que alguma fritura ou algum refrigerante e ele disse assim “eu não como isso” só que é muito esse tipo de coisa que a pessoa não tem noção né. Lá com elas, depois tu vê que para fazer isso tem uma burocracia, tem que pedir para fazer o bolo, então leva os ingredientes porque era feito lá na instituição. Mas só de vez em quando deixava a gente fazer e levava os refrigerantes, tem toda uma norma específica com refrigerante, não pode ser refrigerante Coca-Cola, tem que ser transparente e tal. Eu me lembro de uma época que estava tentando cortar o açúcar, mas FODA-SE que eu estou querendo cortar o açúcar fora daqui entendeu, quando ela vem aqui me oferecer esse pedaço de bolo, que é algo tão precioso, que ela não tem no dia a dia dela. E ela está te dando, está comungando contigo... Sabe, antes quando eu fui vegetariana, já fui vegana e eu participei do Rondon e fui para Tocantins e me lembro que eu era vegetariana e quando eu ia na casa das pessoas, elas ofereciam coisas e eu meio que não falava não, mas eu meio que não comia assim, sabe? Hoje eu penso “foda-se” se é sei lá o que, a pessoa está ali compartilhando, como tu estabelece essa relação com a pessoa sabe. Como é que você compartilha, como é que se estabelece relação de algo que está falando? Fulano sabe falar muito bonito, mas não consegue fazer com que outra pessoa entenda. Não serve de nada, a comunicação não é isso, comunicação é conseguir fazer com que o outro esteja contigo, que é o tipo de coisa fui eu aprendendo, trabalhando com comunidades, vamos chamar de ensino não formal, que onde se dá a minha formação, cada vez mais eu fico foda-se, tem a parte do ego, tem a parte não sei o que, mas assim, o projeto não pode não acontecer se eu não posso fazer, o projeto tem que acontecer. Não é o projeto da Carolina, não é o projeto do Vicente, sabe não é. E aí como é que essas coisas eu acho que a gente vai entender, tem que fazer acontecer. E sobre as didáticas que é uma das questões que você ia perguntar, que didáticas são usadas, quais são os jogos... nunca vai ser uma coisa diretiva ou autoritária, que não faz sentido nenhum ao fazer uma marcação cênica para a pessoa dar três passos e fazer não sei o que sabe, essas mulheres têm o tempo todo o corpo delas moldados, então como é que nesse espaço justamente propõe uma outra coisa. Trabalhamos com jogos, com jogos de improvisação, fazemos diversos jogos para colocar o corpo em outro espaço. **[Conversa parte 2]**

“Além dessa essencial característica metafórica, os jogos ajudam a desmecanização do corpo e da mente alienados às tarefas repetitivas do dia a dia, especialmente às do trabalho e às condições econômicas, ambientais e sociais de quem os pratica.

O corpo, no trabalho como lazer, além de produzi-los, responde aos estímulos que recebe, criando, em si mesmo, tanto uma máscara muscular como outro de comportamento social que atuam, ambas, diretamente sobre o pensamento e as emoções, que se tornam, assim, estratificadas. Os jogos facilitam e obrigam a essa

desmecanização, sendo, como são, diálogos sensoriais onde, dentro da disciplina necessária, exigem a criatividade que é a sua essência.

A palavra é a maior invenção do ser humano, porém traz consigo a obliteração dos sentidos, a atrofia de outras formas de percepção.

Arte é busca de verdades através dos nossos aparelhos sensoriais.” – Augusto Boal, Teatro do Oprimido.

18/09/2019

Eu acordo bem desperta, levando, vou colocar o aquecedor no banheiro para tomar um banho, volto para o quarto e arrumo a cama. Arrumada, eu me sento, fico parada uns segundos olhando para o chão, sentindo meu corpo, sentindo os meus pensamentos, bem viva, eu estou bem viva. Engraçado constatar isso agora, até porque sou bem jovem, mas nem sempre me senti assim, viva, presente nessa minha vida, e ainda mais, feliz. Que engraçado, troco um sorriso comigo mesma.

Levanto-me para tomar meu banho. Entro no chuveiro. Cabeça borbulhando, muitas dúvidas, muitos amores, muitos medos, muitos sentimentos. Será que é isso então, é assim que é estar acordada para vida? Não sei, talvez.

No chuveiro ainda, lavando o meu corpo, me fazendo esse carinho, penso que já briguei tanto com ele, então peço desculpas, digo que o amo. Toco na minha barriga e eu sinto com os meus dedos onde dói, onde dói quando sinto medo, o medo de não ser capaz, de não ser suficiente, o medo de dar o passo maior que a perna, e cair, cair e continuar caindo sem achar um fim. Respiro fundo, e digo que está tudo bem, ainda com as mãos na minha barriga, eu digo para ela que tudo bem se não der certo, mas que eu vou tentar e gostaria que esse medo fosse minha motivação e não fosse o que me paralisasse.

Saio do banho, me arrumo, respiro, pego minhas coisas e venho para faculdade.

No ônibus penso sobre o texto que escrevi ontem [um texto para a cadeira do Mesac, que compõe uma ideia de TCC], o crítico dizendo que ele é muito clichê, beirando até um texto motivacional e cheio de emoções exageradas. Penso também, que isso me compõe, me peço desculpas novamente. Estou amadurecendo as ideias e é normal isso acontecer, é normal ter muito de mim nisso tudo, são muitos sentimentos envolvidos, porque eu sei que esse assunto é muito pessoal, meu corpo sente que isso é muito pessoal. É por ser tão pessoal que eu me sinto viva, é o meu trajeto até aqui, é o que me faz querer ser eu mesma, primeira vez que eu quero ser eu mesma e estou feliz com isso. Obrigada. Sentimentos, se acalmem, acharei significados e um lugar para vocês pulsarem, se enlouquecerem e transbordarem.

Com carinho Cacau,

feliz um mês com 24 anos.

3 de outubro de 2021 – Conversa com a Caroline Vetori na rua Vieira Castro

Cacau – E elas já tiveram algum contato com o teatro antes das tuas aulas?

Carol – Algumas sim e outras não, nunca na vida, várias. E isso eu acho que também é muito interessante, quando a gente trabalha em contextos específicos, se percebe o quanto ainda é uma parcela muito pequena da população que tem

acesso, e eu reflito sobre a minha própria história sei lá meus pais sei lá. Meus pais, nunca passei fome nem nada disso, mas tipo uma galera que não tem muita grana sabe. Mesmo assim não é uma situação super ruim. Não é a situação “não sei se vou jantar hoje”, não é a questão. Como é que eu já não tive acesso durante toda a minha formação a teatro. Imagina essa outra galera sabe, como é que cada vez mais a gente vai desenvolvendo um trabalho que chegue nessas pessoas. Não me interessa um trabalho que vai ser bem só para elite de novo ou uma elite cultural que acaba sendo só isso. E aí tem umas peças que são muito fudas, altas reflexões, mas não chega, não chega nem nos nossos pais, as vezes tu chamas o pai e a mãe e perguntam o que é isso, entendeu. E aí tu está te comunicando com quem, para quem, é teu trabalho, por que, entendeu? Então parabéns, eu falo “parabéns, muito artistas”. Só que ninguém entendeu. Parabéns para que, sabe? Não me interessa, ou também pelo preciosismo. Isso também é uma coisa que eu me transformei na minha cabeça, eu achava que o trabalho de atuação, o virtuosismo cênico, aquele corpo... Para que? Eu não vou fazer esse tipo em pedagogia do teatro ou pedagogia das artes cênicas, não me interessa desenvolver isso com as minhas estudantes, não é isso. É a relação, como é que o teatro ali é um suporte ou um território para a gente discutir coisas, a partir do âmbito poético e artístico, não é o refinamento do gesto, não é isso. É um outro lugar e sei lá pega o Yoshi Oida ainda que ele fala da diferença de dois atores, um foi lá e ele fez uma partitura em que ele tinha que mostrar a Lua e todo mundo o viu apontando para a lua. Aí foi lá outro ator e as pessoas viram a lua. É isso, eu quero que as pessoas vejam a lua, eu quero ver a lua, não é as pessoas vendo meu gesto mostrando a lua.

Cacau – Já tiveram vários debates no DAD sobre, porque a gente fala muito para nós. Não é todo mundo que tem acesso e oportunidade e estamos fazendo muito pouco para aproximar. Quantas vezes eu já entrei numa sala de teatro quando eu era adolescente e saía sem entender nada.

Carol – Sim, total ou até mesmo não ter roupa, aquela coisa não, tem roupa para ir. Não sei se é o meu lugar... ou quando ocupa, por exemplo, que nem as mulheres lá, nesse lugar que é delas, é de qualquer pessoa. A universidade tem que ser isso, ser de todo mundo, mas tem que se sentir à vontade para estar ali, sentir que é um lugar delas também. E a família acaba indo pela primeira vez num lugar assim, que em tese deveria ter que ser nosso e não ter esse distanciamento. Eu acho que é por isso que sou apaixonado por pedagogia do teatro, porque eu acho que desestabiliza a gente no lugar mais ainda.

Cacau – Mas... acho que continuamos fazendo errado, porque foi assim que a gente se sentiu no primeiro semestre, a gente se sente burra...

Carol – Mas é isso, querendo ou não, eu e tu, nós seremos as novas professoras e isso é o mais louco. Daqui a pouco somos nós, entendeu? E quando a gente estiver ocupando esses lugares...

Cacau – Ah sim, como que vamos fazer isso, vamos pegar textos que aproximam a realidade dos nossos alunos, criar e construir um sentido juntos. Quantas vezes estudamos todo esse teatro europeu e funciona aqui? Estamos conseguindo conversar com o público?

Carol – E ao mesmo tempo, não é pressupor que vai ser medíocre, tirar por menos, não é isso, o Paulo Freire e o Boal falam, como é que tu falas *com* uma pessoa, essa é a questão. Enfim, não tem resposta e é um saber ainda que às vezes que não tem manuais, não tem uma coisa prescritiva, eu achava que para ser uma boa professora eu tinha que saber os jogos da Viola Spolin, como se eu fosse aplicar algo. Não vou aplicar algo gente [risos], mas eu ainda estou volta e meia conversando com os alunos estão fazendo estágio, vamos conversar sobre isso. É um lugar tão forte, é artístico porque é criativo, a gente vai para uma sala de aula ou vai para uma comunidade, estamos indo criar com outras pessoas e muito.

Se eu não estiver aberta para aprender alguma coisa, estou na profissão errada. E o que hoje faz sentido com um grupo, com esse mesmo grupo amanhã pode não fazer. Então, acho que não se fala muito sobre isso, não que se não se fale, a gente tem um pessoal muito foda na pedagogia das artes cênicas que estão falando sobre essas questões. Mas o ponto é produzir a arte com as pessoas e eu acho eu gosto muito dessa coisa do propor o propor, como é que tu encontras isso. Como é que se coloca nesse espaço de jogo. Agora a gente está falando das referências e ao mesmo tempo é muito importante a gente saber sobre Foucault, ok. Mas a gente tem que ler Juliana Borges que é brasileira e está falando sobre o encarceramento em massa no Brasil. Como é que vamos fazer essa abordagem decolonial.

Cacau – Eu estava conversando com a minha terapeuta, perguntei se não era um trabalho meio solitário porque ela lida com pacientes, não tem colegas de trabalho, não tem a troca diária com as pessoas da mesma área. Mas ela me contou que tinha um grupo de psicólogos e eles se reuniam uma vez por semana para conversarem...

Carol – Que ótimo! É muito bom para refletir sobre o trabalho que ela está desenvolvendo e isso não tem, a gente tem que desenvolver esses lugares sabe. Tem que desenvolver os lugares em que a gente precisa ter esse tipo de reunião de professores.

Como a gente vai achar recursos para refletir porque é isso a gente não consegue ver sozinha também... Seja pelas nossas questões internas, seja porque a nossa visão é limitada.

Cacau – Quero te agradecer por conversar comigo, por me ajudar neste trabalho, por me ajudar com as minhas dúvidas, é isso, espero construir uma professora que eu me orgulhe bastante, e que faça sentido na vida dos meus alunos. Foi incrível te rever e aprender tanto contigo. **[Conversa parte 3]**

Concluir a faculdade em tempos de pandemia está sendo bem complicado, fico com diversas dúvidas sobre o futuro, sobre minha formação, sobre minha didática, sobre a minha experiência, sobre “ser” professora, será que estou apta? Eu não sei.

A conversa que tive com a Carol foi importantíssima, foi maravilhoso escutar a trajetória dela e os trabalhos que elas construíram juntas. Foi um domingo regado a muito café e conhecimento, eu tive praticamente uma aula particular

com ela, fiquei dias transbordando pensamentos e mais dúvidas, pensando em como construir uma comunicação horizontal, em como dar sentido ao trabalho, em como construir a didática junto [com as pessoas, com os alunos], em como proporcionar encontros. Eu sentia que estava perdida, mas conversando com a Carol encontrei um início de como construir uma a professora que desejo ser.

O meu primeiro contato com Teatro e Comunidade foi em 2019 lendo dois artigos [Tentando definir o teatro na comunidade, Marcia Pompeo Nogueira e A Opção pelo Teatro em Comunidades: alternativas de pesquisa, Marcia Pompeo Nogueira] e fiquei curiosa com esse tema, foi o primeiro momento que me identifiquei na licenciatura, porque sempre imaginei professores tendo um bom histórico escolar, sendo estudiosos, curiosos e inteligentes. Então de início achava que aquele não era meu lugar, porque eu sentia que tinha muitas dificuldades no aprendizado, em me expor, em me ver como uma futura professora e sempre fui uma pessoa muito tímida e mais retraída. Quando li sobre teatro nas comunidades, mais especificamente em abrigos com crianças, senti que essa ideia de ser professora fazia algum sentido, senti que ali talvez eu me entendesse e me encontrasse como professora, pois eu fiquei por um curto período em uma instituição de adoção até ser adotada pela minha família, e sempre me disseram que eu já era um neném mais retraída, eu levava um tempinho para me adaptar com as pessoas. Então pensando em como o teatro me ajudou a me desenvolver melhor, a me expressar, a conversar com as pessoas, a me abrir para outras oportunidades, fiquei com o desejo de tentar proporcionar algo parecido para estas crianças. Acredito que o teatro seria uma ótima ferramenta educativa para criar um ambiente mais acolhedor, seguro, comunicativo, afetuoso e divertido.

História do nascimento da minha filha Carolina

A vinda da Carol para nós estava escrita nas estrelas!

Posso dizer que a sua concepção começou ainda quando eu e o Claudio éramos namorados e, certo dia, após termos ido visitar minha avó, estávamos na parada de ônibus e começamos a conversar sobre nosso futuro. Dissemos que iríamos casar e ter dois filhos: o primeiro seria biológico e o segundo iríamos adotar. E, de fato, assim aconteceu. Casamos, tivemos nosso primeiro filho e, quando o Emanuel estava próximo de dois anos ficamos com vontade de ter outro filho. Tentamos vários meses e nada. Com o tempo, acabamos descobrindo que o Claudio havia ficado estéril por conta de uma caxumba contraída alguns meses após o nascimento do Emanuel.

Meu desejo de adotar nosso segundo filho foi aumentando cada vez mais e, quando o Claudio também concordou, fiquei muito feliz. Iniciamos o processo de adoção no Fórum e minha alegria só aumentava. Embora não escolhemos o sexo da criança (para ser como ocorre naturalmente na vida) torcia para que fosse uma menina. Fomos em várias entrevistas como pede o processo de adoção e, em dezembro daquele ano, recebemos a confirmação de que estávamos aptos a adotar e entramos na fila. Foi uma festa! Estávamos oficialmente grávidos!

Lembro-me bem que em janeiro sonhei com uma menina linda que seria a minha filha (e depois confirmei que a criança do sonho era como a Cacau).

Chegou dia primeiro de abril de 1997 e recebemos o tão esperado telefonema! Fomos chamados para ir ao Fórum conversar com a assistente social, pois encontraram a nossa filha. Lembro-me bem que ainda não haviam falado, para nós, o sexo da criança - nem se era morena ou loira - e eu comentei com a assistente social sobre o sonho que tivera: uma menina de cabelos claros. Ela sorriu e confirmou ser uma menina. Disse-nos que ela tinha 1 ano e sete meses e que seu nome era Carolina. Comentou que poderíamos trocar o seu nome se quiséssemos. Concordamos que não mudaríamos, pois era o nome dela.

A assistente social nos disse que iríamos conhecer nossa filha naquele dia e, com isso, começaria um tempo de “namoro” com a criança até ela mostrar sinais de que queria ir com a gente para casa. Nos preveniu que a Carol talvez levasse uns dois meses, pois ela levava tempo para deixar alguém se aproximar dela e estava muito ligada com uma das moças que cuidava dela. Precisaríamos ter paciência. E concordamos que daríamos à nossa filha todo o tempo que ela precisasse.

Lembro bem: chegamos lá e nos disseram que ela estava dormindo (naninha após o almoço). Então a moça que cuidava dela nos pediu para acompanhá-la e fomos até o quarto onde ela estava. A moça acordou-a e ela, ainda na cama, olhou para mim e eu disse-lhe (falando mentalmente) olhando-a nos olhinhos: “mamãe chegou”. Nos olhamos por uns momentos e é difícil pôr em palavras, mas senti que nos encontrávamos com muita doçura.

Então a moça cuidadora a pegou no colo e levou-a para dar um banho e trocar de roupa. Deixou nossa filha lindinha num vestidinho azul e nos conduziu à sala de entrada e colocou a Carol no chão. Então fiz menção de pegá-la no colo e ela deixou, vindo para o meu colo. A assistente social que nos acompanhava achou isso maravilhoso!

Ficamos um tempo ali com nossa filha e, como a assistente social havia dito, aquele dia seria uma visita muito rápida pois ela (assistente social) tinha um compromisso. Então demos um tchau para nossa filha e a Assistente social nos deu permissão para no dia seguinte visitar a Carol e, se ela quisesse, passear no pátio da casa (Instituição) onde ela morava.

Foi isso o que aconteceu no segundo dia. Ela naturalmente veio conosco e ficamos um bom tempo com ela no pátio. Então, tivemos a permissão de levar a Carol para conhecer nossa casa, no dia seguinte. Foi emocionante!

Apenas foi dito para o Emanuel não estar presente ainda naquela visita para a Carol poder se ambientar primeiro. Assim, deixamos ele na casa dos meus pais.

Foi muito gratificante levar a Carol até nossa casa e, principalmente, ter o consentimento dela. Foi uma tarde muito divertida!

No final da tarde, como o Claudio tinha que ir para o trabalho, eu fui levar a Carol na Instituição. Quando cheguei lá, a moça que cuidava dela me perguntou se eu queria dar a janta para ela e assim fiz. Quando terminei de dar a janta, olhei para minha menina e disse tchau! (estava na hora de eu voltar para minha casa). Então, minha menina olhou para mim com seus olhinhos lindos e virou a

cabecinha e acenou com as mãos dando tchau para o pessoal da Instituição e se jogou na minha direção. A emoção foi grande! Palavras não conseguem expressar!

Com grande emoção voltei com minha filha! Ia cantando de felicidade pela rua com ela nos meus braços enquanto me dirigia para a parada de ônibus. Avisei o Claudio e depois avisei a minha mãe para preparar o Emanuel pois estava indo buscá-lo junto com a irmã. Quando cheguei na casa da minha mãe e bati na campainha, lembro que o Emanuel abriu a porta (ele estava com 5 anos) e, sorrindo, estendeu seus bracinhos dizendo para a maninha: Seja bem-vinda!

Nossa família estava completa!

Meus pais e irmãos ficaram felizes de conhecer e receber a nova neta! Foi uma festa!

Nos próximos dias, outros parentes e amigos vieram conhecer a Carol e nos felicitar-nos! Ela ganhou sorrisos, abraços e presentes! Nós todos ganhamos vida com ela!

.....

Sobre o processo da adoção:

Me senti muito bem durante o processo. Desde que procuramos o Fórum, fomos bem atendidos e esclareceram bem como seria o processo de adoção.

Num primeiro momento iriam nos conhecer e teríamos reuniões (algumas com o casal e outras com cada um individualmente) para verificarem se estaríamos aptos para a adoção e também para sanarem dúvidas e dar dicas para nós. Recebemos uma carteirinha onde eram colocadas as datas das reuniões e, para nós, a carteirinha representou o acompanhamento da gestação. No último encontro, nos avisaram que receberíamos a resposta pelo Correio. Ficamos muito felizes quando recebemos a aprovação. Tivemos outra reunião para esclarecimentos da nova fase. Entramos na fila de espera e foi-nos dito que não havia um tempo determinado de espera (poderia levar meses ou anos, dependeria das circunstâncias). Cada criança a ser adotada precisava aguardar o processo de destituição do pátrio poder para poder ser liberada para a adoção. Algo que poderia levar algum tempo.

Tivemos todo apoio e carinho também quando nos chamaram para conhecer a Carol e no processo de adoção.

Ficamos bem contentes!

Contudo, assim como outros pais adotantes, reconhecemos que poderia ser menor o tempo que uma criança aguarda para poder ir para a sua família, de modo a permanecer menos tempo na Instituição enquanto aguarda. Me parece que hoje em dia o processo é mais rápido.

Recebemos também uma pasta com todos os dados da ficha médica de acompanhamento da Carol desde o seu nascimento até aquele momento.

.....

Algumas lembranças da infância da Carol

As primeiras semanas ela era bem agarrada comigo. E ganhou muito colo! Amei estar com ela! Num primeiro momento ela não gostava de ir para o colo de outras pessoas (inclusive o pai) e, como uma psicóloga me falou, ela estava compensando o tempo que estava longe da mãe. Aos poucos foi se enturmado mais com o pai e com o irmão. Eles estabeleceram uma linda amizade!

Ela também se mostrou independente: gostava de fazer as coisas sozinha. Por exemplo, quando largou as fraldas, ela se acordava durante a noite e ia ao banheiro sozinha (no caso um peniquinho) e nem me chamava.

Queria escolher as suas roupas tanto na hora de comprar como na hora de vestir. Também gostava de se enfeitar com anéis e pulseiras. Admirava essas coisas nela!

Tinha uma habilidade grande de se movimentar com o corpo. Gostava de pular e brincar fazendo movimentos (ginástica).

Como fomos morar numa casa em Viamão, por épocas houve falta de amiguinhas para a Carol, embora nós saíssemos pelas ruas a procura de amizades para ela. Por fim, encontramos uma amiga, mas que acabou indo morar em Garopaba.

No nosso pátio tínhamos caixa de areia, piscina plástica, balanços e a casinha de brinquedo. Gostava de brincar com meus filhos e criar oportunidades pra eles se divertirem. Além disso adorava festejar os aniversários deles com brincadeiras.

Quando saíamos de férias nos divertíamos muito também.

.....

A Cacau e o teatro

Gostei muito quando a Carol pediu para fazer aulas de teatro pois ela mostrou-se bem inspirada, determinada e motivada. Quando a assisti pela primeira vez em uma apresentação, pude ver o brilho e a alegria em seus olhos. Sua alegria com o teatro era bem visível.

Ela se interessou em fazer vários cursos e sempre com empenho e entusiasmo!

Nas suas apresentações, como mãe, era muito bom vê-la desabrochando!

Não me surpreendeu quando a Carol veio me dizer que estava pensando em fazer a faculdade de teatro. E, embora alguns familiares lhe dissessem para desistir por ser uma profissão que não remunera muito bem, disse-lhe para ouvir seu coração. E foi o que ela fez. Me lembro da certeza de que a Carol passava para mim de ser a profissão que ela tinha paixão por seguir. E me encheu de admiração por ela pela coragem que ela teve de ouvir o seu coração!

Lembro-me também dela se preparando para a prova de seleção. E a alegria quando soube que havia passado pois estava achando que não havia conseguido.

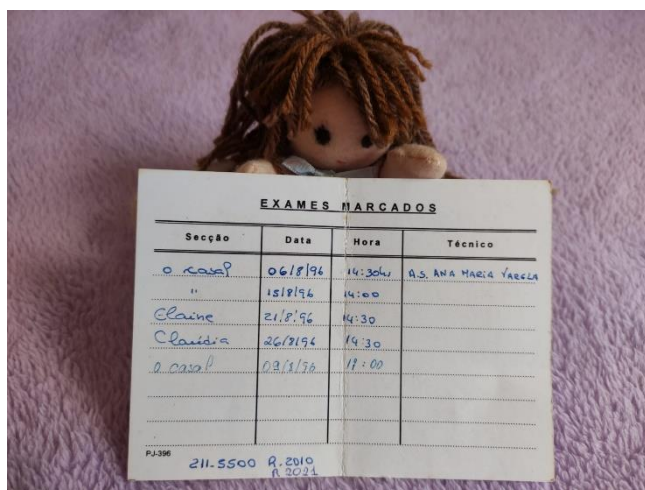
O teatro tem ajudado ela a acreditar mais em si mesma, reconhecer a beleza do seu ser, se sentir capaz e a expressar-se melhor. Deu-lhe ânimo e alegria!

Também sinto que ela encontrou um caminho profissional que lhe dá grande satisfação e lhe permite levar Luz e autoestima à outras pessoas.

Eu admiro muito a minha filha, o ser lindo que ela é, e o teatro tem ajudado ela a ver-se com este olhar, a reconhecer a beleza profunda do seu ser!

Elaine Moutinho

Pedi para que a minha mãe escrevesse uma carta contando sobre minha adoção, um pouco da instituição e um pouco da minha relação com o teatro. Sempre me emociono lendo ou ouvindo ela falar da minha história, sempre contou que me quis muito, mas que eu tinha vindo de uma outra forma e nem por isso eu era menos filha, eu era a filha dela e ela esperou por mim.



Secção	Data	Hora	Técnico
a casa?	06/8/96	14:30	A.S. ANA MARIA VARELA
"	18/8/96	14:00	
Elaine	21/8/96	14:30	
Cláudia	26/8/96	14:30	
a casa!	09/9/96	17:00	

Esse é o documento das visitas em que me viam.

Fui adota na antiga instituição FEBEM – Fundação do Bem-estar do Menor, em 1998.

07/05/2002

Foi aprovado por unanimidade nesta terça-feira (7) pela Assembléia Legislativa o Projeto de Lei que acaba com a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem) e cria duas novas fundações: a Fundação de Proteção Especial (FPE), para a execução das medidas de proteção às crianças e adolescentes vítimas de maus-tratos ou abandono, e a Fundação de Atendimento Sócio-educativo (Fase), que administrará a execução das medidas sócioeducativas aos adolescentes em conflito com a lei. Com a criação das duas fundações, o Estado concretiza o processo de reordenamento institucional do atendimento no Rio Grande do Sul e rompe com um modelo da época do extinto Código de Menores, ressalta a secretária do Trabalho, Cidadania e Assistência Social, Neusa Azevedo. Segundo a diretora do Departamento de Assistência Social da Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social (STCAS), Léa Maria Biasi, na prática, FPE e a Fase separam definitivamente a execução das duas medidas, consolidando o reordenamento em termos jurídicos e

administrativo. Para a presidente da extinta Febem e atual Fase, Ana Paula Costa, a provação do projeto é uma grande conquista da sociedade gaúcha. As novas fundações não alteram somente o nome, mas toda uma concepção de atendimento. Estamos construindo a nova estrutura de uma Fundação que tem muitas coisas boas, mas que deve também caminhar no sentido de cumprir com os preceitos do Estatuto da Criança e do Adolescente, enfatiza. Atualmente, 879 crianças e adolescentes vivem em 36 abrigos residenciais e seis institucionais mantidos pelo Estado. Outros cerca de 1.500 participam de atividades em centros abertos. Já cerca de 800 adolescentes e jovens adultos cumprem medida sócio-educativa em 14 unidades, sendo sete no interior e sete na capital.

estado.rs.gov.br

Esse ano de 2021 lendo sobre a antiga instituição FEBEM lembrei que conhecia a Giovana Foppa, filha da Bernardete Mazzarollo Foppa [minha chefe atualmente] que trabalhou por muitos anos na FASE, então fiz um convite perguntando se ela tinha interesse de conversar comigo, de contar um pouco sobre a instituição, sobre a vivência e as percepções dela, ela foi muito simpática e disposta a compartilhar comigo. Fazendo esse trabalho fiquei imensamente feliz em conversar com mulheres incríveis, em aprender tanto, em refletir em diversas questões, e estar pensando em possibilidades de melhorar nossa educação.

Conversa online com Giovana Mazzarolo Foppa

Cacau – Oi, boa tarde, Gi, então... eu gostaria que se apresentasse, uma forma que você queira se apresentar para colocar no trabalho.

Giovana – Então, meu nome é Giovanna Mazzarolo Foppa e sou formada em Ciências Jurídicas e Sociais, vulgo em Direito. Tenho especialização em Direito da Criança e do Adolescente pela Fundação do Ministério Público. Sou mestre em ciências criminais pela PUC. Trabalhei durante 13 anos da Fundação de Atendimento Socioeducativo na FASE e hoje desde 2019 trabalho no programa de Segurança Pública do Estado, Programa RS de Seguro, que é vinculado ao gabinete do vice-governador.

Cacau – Maravilhosa, um dia quero ter um currículo assim. Então a outra pergunta ia ser quantos anos trabalhou na FASE e tu já respondeu que foram 13 anos. E lá qual era mais ou menos a tua área, o tipo de departamento. Não sei se é dividido...

Giovana – Está, então assim, de 2006 a 2011 eu trabalhei como assistente de direção de uma unidade, na Unidade de Internação Provisória Carlos Santos que atende adolescentes que estão aguardando decisão judicial do processo, que estão cumprindo a internação provisória. Se a gente for comparar com os adultos, é como uma prisão preventiva, só para ter uma ideia do que é, e de 2012 a 2019, antes de trabalhar nesse programa do Estado, eu trabalhei na gestão geral na diretoria socioeducativa, fazendo a supervisão de todas as unidades da

Fundação, então assessoria jurídica, discussão de caso enfim, e essa interlocução com o Judiciário e Ministério Público que a FASE tem, de execução da medida socioeducativa. Eu era responsável da gestão geral pela execução da medida e na minha função como assistente de direção na unidade Carlos Santos, eu fazia além do papel de advogada, então, o atendimento da família, aos adolescentes, acompanhamento em audiência. Eu fazia toda questão também de assessoria jurídica para o meu diretor que era o César, que trabalhava na unidade, então fazia toda assessoria e esse acompanhamento para ele e em questões dentro da unidade também.

Cacau – Então tu tinhas contato com eles e com a família deles?

Giovana – Sempre tive, nas duas funções. Sempre tive contato com os adolescentes quando era na unidade e com os adolescentes e as adolescentes quando fui à gestão geral. Sempre tive contato com eles.

Cacau – E como foi essa relação, tipo, quando entrou em seu primeiro ano trabalhando foi uma realidade bem diferente? Como é que se constrói essa relação com eles?

Giovana – Ah, sim. Meu primeiro mês foi o mês mais difícil, eu passei um mês chorando, eu voltava para casa muito abalada e muito triste, sem entender muito o que acontecia. Não sabia se eu chorava pelos casos que a gente atendia, não sabia se chorava pelas condições que eles cumpriam medida, não sabia se chorava pelas situações de vivência familiar que eles tinham, porque foi uma realidade muito diferente da minha. Tudo que eu vivi. Eu entrei para FASE com 23 anos e a minha realidade [como eu sempre brinquei] era de Jornal Nacional né. Então assim, quando a gente chega na fase eles te mostram uma realidade muito nua e muito crua, então foi um choque muito grande para mim. Tanto que minha mãe sempre dizia assim “olha se tu não vais aguentar então tu saís, se não está conseguindo” e eu dizia, não só preciso organizar os meus sentimentos, então depois, tu vais conversando com a equipe, era uma equipe muito legal daquela unidade, que me acolheu e foi organizando e fui estudando para compreender toda essa realidade nova, mas sim a realidade é bem diferente daquilo que eu vivi. Então eu sempre digo que a FASE foi um divisor de águas, tanto na minha vida pessoal como na minha vida profissional. Como encarar as coisas, de que caminho queria seguir e como entender políticas públicas. Então sim, um choque muito grande.

Cacau – Sim, com 23 anos, não consigo me imaginar com essa idade já trabalhando com isso... Sobre a construção de relação, tu via um de cada vez ou via alguns grupos, tipo como é que conseguia construir uma relação com eles, eles te procuravam, se sentiam abertos para isso...

Giovana – Sim sim, como equipe técnica, que era o papel que acabei exercendo. Na Fundação de Atendimento tu tem uma equipe técnica que presta orientação e atendimento aos adolescentes. Então eu prestava orientação jurídica, e qual era meu papel na orientação jurídica, era explicar como que funcionava o

processo, fazia essa relação com o Judiciário, porque nem todo mundo tem noção, as vezes nem a gente sabe como é que funciona uma audiência, como tem que se portar, o que vai acontecer... Então eu explicava tudo sobre o processo tanto para ele quanto para as famílias, então sim, fazia o atendimento individual e o atendimento coletivo também com eles, porque eu ia para o pátio participar das atividades, sempre gostei muito disso. Sempre tive uma relação muito próxima com eles. E tu acaba, a equipe técnica, ela acaba tendo essa relação de confiança, os meninos acabam confiando na sua equipe técnica porque é quem faz a interlocução com o Judiciário. Então eles acabam conversando, claro, não sei se são 100% verdadeiros. Mas assim tu estabelececes uma relação de confiança. Nunca tive problema com os guris, nunca foi desrespeitada ou se passaram algum momento, de nenhuma maneira, sempre foi uma relação muito tranquila com eles, apesar de quando na gestão geral eu ter participado em atuações de motins, de tumultos com eles, nunca teve essa sensação afrontosa, sempre foi uma situação em que há uma relação muito respeitosa, então a minha relação com os adolescentes e com as adolescentes sempre foi muito tranquila, não posso dizer que foi uma relação tumultuada mesmo que eles estivessem privados de liberdade. Tenho uma relação muito boa.

Cacau – Que bacana construir uma relação de confiança, e trabalhou só com meninos e qual era a idade deles?

Giovana – Então, a Fundação só tem uma unidade que atende meninas em todo o Estado. A maioria da minha função dentro da Fundação foi trabalhar com adolescentes meninos porque eu trabalhei numa casa masculina e eu até fazia substituições assim, quando tinha algum advogado de férias no CASEF unidade feminina então eu ia lá atender as meninas ou quando faltava alguém trabalhei com elas. Mas a maior parte do tempo eu trabalhei com adolescentes homens e a idade para o cumprimento do socioeducativo é dos 12 até aos 21 anos. Então atendi todos dos 12 e aos 21.

Cacau – 12 anos de idade? Estou chocada com isso. Eu entrevistei domingo uma outra menina que trabalhou com teatro dentro do CASEF, ela contou que lá eles chamavam A Casa das Bonecas, a casa era rosa, eles incentivavam a costura e outras atividades que dizem que “é de menina”, é interessante agora falar com outra mulher que trabalhou com os meninos, outra realidade...

Giovana – Ah sim, nossa, é bem diferente. Aí pode até entrar em uma discussão de gênero, tem várias questões, mas a unidade feminina da unidade masculina tem várias diferenças. Primeiro a lotação, é uma casa bem menor, a casa das gurias tem um máximo de 40 adolescentes e nunca passa muito disso, a unidade das gurias é a unidade do Estado inteiro, e a casa dos guris a gente já teve histórico de superlotação, em unidades que teriam que ter 50 adolescentes tem 120. Então assim, isso modifica muito o atendimento e a estrutura da casa em si né. Então o CASEF é uma casa bem mais cuidada, que tem essa questão de gênero, o cuidado com a mulher. Enfim, é uma outra discussão e a casa dos guris como estão superlotadas isso acaba deteriorando a unidade, acaba

fazendo remendos e tal. Então em termos de aspecto físico são unidades bem diferentes.

Cacau – Eu nunca tinha parado para pensar nisso, nossa...
Tu sabes de algum tipo de projeto pedagógico. Por exemplo, a Caroline que trabalhou no CASEF fez uma oficina de teatro com as meninas que aconteciam de 15 em 15 dias, lá na unidade dos meninos aconteciam incentivos assim?

Giovana – ah sim, as atividades culturais, apesar de achar que deveria acontecer mais na FASE, elas acontecem, então assim, tem o concurso literário, onde eles escrevem poemas e textos. Então isso é incentivado pela própria fundação. Tem as oficinas de grafite, oficinas de Hip Hop e eles ensinam os meninos a fazerem croché, a fazer bonecos de croché. Então assim, tem atividades culturais que acontecem, que são incentivadas bastante, porque eu acredito nessa questão da cultura como novas perspectivas. Tem o incentivo da biblioteca, o incentivo da leitura. Então tem várias atividades culturais, na FASE por exemplo, os adolescentes que têm possibilidade de atividades externas, sempre tem uma articulação com a Secretaria da Cultura para fornecer ingressos para o cinema, ingressos para o teatro, antes da pandemia, quando tinha possibilidade. Então se fazia essas experiências de convívio, adolescentes em semiliberdade também conviviam, então aconteciam apresentações musicais, isso sempre teve na FASE.

Cacau – Que legal ter esses eventos e incentivos, e eles estudam lá também?

Giovana – Sim, é obrigatório toda unidade da FASE ter uma escola do Estado. Tem uma escola específica do Estado que atende a população daquela unidade e eles são obrigados a estudar. O estudo é obrigatório.

Cacau – Eles estudam numa escola fora da FASE?

Giovana – A escola é dentro da FASE, toda unidade tem uma escola e são só eles, é dentro da própria unidade porque eles não podem sair são privados de liberdade. Então tem uma parte da estrutura dentro da unidade que são as salas de aula. Então são obrigados a estudar sim.

Cacau – E eles podem receber [antes da pandemia no caso] visitas?

Giovana – Sim, essas visitas inclusive já foram retomadas, mas eles recebem duas vezes por semana, geralmente é essa a rotina das unidades, uma visita durante a semana e uma vez no final de semana por que enfim, os pais que trabalham e a visita também é um direito dos adolescentes. Então eles não podem ser privados da visita dos seus familiares porque isso é rompimento de vínculo né, então a vinculação com a família ela é super importante na questão

do cumprimento da medida socioeducativa então isso se incentiva inclusive, que os pais compareçam, que façam acompanhamento, que estejam juntos durante o cumprimento a medida, então é geralmente a rotina de duas visitas por semana.

Cacau – Uma dúvida, já aconteceu ou surgiu, porque conversando com a Caroline, a outra convidada com quem conversei, ela trabalhou no CASEF e no presídio feminino de em Santa Catarina, como professora de teatro e tal. Então ela comentou que o maior caso das mulheres que estavam lá eram em relação à defesa, a defesa contra os seus abusadores ou até mesmo tipo, se tinha uma mulher na rua que usava drogas e ela foi notificada uma vez ou duas vezes, acabavam levando-a para dentro do presídio sendo que o caso dela era mais de dependência química... Mais ou menos assim, tu sabes quais são os casos deles?

Giovana – Sim sim, o que acontece, para ser internado numa Unidade, para receber a medida socioeducativa, o adolescente ele tem que ter cometido um ato infracional, o ato infracional é um crime, no ECA [Conselho da Criança e do Adolescente] é chamado de ato infracional, no Código Penal é codificado como crime. Um adolescente será internado na fase, ele obrigatoriamente tem que ter cometido um ato infracional, um crime, e a internação ela só é feita mediante determinação judicial. Então o juiz determina a internação dele, a grande maioria dos atos infracionais adolescentes se envolvem, são tráfico e roubo, muito tráfico e roubo, tem homicídio, tem latrocínio, tem estupro, que geralmente são os delitos que levam à internação, porque assim, o estatuto estabelece que para o adolescente ser privado de liberdade os atos infracionais que ele comete têm que ser atos graves, porque existem outras medidas mais brandas que podem ser aplicadas a ele, que ele pode cumprir como liberdade assistida, serviço comunitário não estando privado de liberdade. Então geralmente os atos infracionais com que os adolescentes ingressam, são roubo, tráfico, homicídio, latrocínio e estupro, esses são, vamos dizer assim, os carros chefes, quanto se fala da drogadição, caminham junto, acaba indo, mas geralmente os casos que são mais graves de drogadição, os delitos são mais leves, os adolescentes que têm reiterados furtos, estão furto do supermercado, furto da farmácia, então ele está tão desorganizado pelo uso de drogas, que ele não consegue cumprir as medidas de semiaberto, de casa, aquela a coisa toda. E aí então, como ele reitera muitos atos infracionais, o juiz acaba determinando a sua internação. Aí a gente vai entrar numa discussão que, é questão de saúde, é questão de medida socioeducativa. Enfim é uma discussão que se faz na FASE, porque são delitos leves né, não deveriam ter internado por causa disso. Mas como existe uma dificuldade no estado de contenção da drogadição, eles acabam indo parar na internação porque estão ali, “bom, a FASE vai cuidar”, não é o que eu entendo que seja correto, mas pode acontecer. Apesar que o Judiciário já tem melhorado muito essa questão da interpretação, já tem avançado bastante, mas existem casos. Não dá para dizer que não existe. Existem casos sim.

Cacau – Que bom que a interpretação do judiciário está melhorando, que a situação está melhorando...

Giovana – Ah sim, geralmente os casos em que, que são mais casos do interior, quanto mais interior menos recursos de rede tu tens, não tem uma clínica, não tem acompanhamento, não tem uma rede de proteção que envolve. Então o juiz também fica pressionado pela comunidade para dar um jeito naquele guri ou naquela guria então acaba internando. Então tu tiras do foco da sociedade, tu dás “uma solução”, o que é um problema, porque ele vai voltar pra sociedade. Então romper o vínculo com a comunidade, nem sempre é a melhor resposta. Existe uma discussão, essa discussão ela é feita e o Judiciário tem avançado bastante em relação a essas questões assim, principalmente na legalidade da medida, porque antes do estatuto, isso é importante né, a medida socioeducativa no antigo Código de Menores, ela era tratada como uma proteção, então assim, “eu estou prendendo esse adolescente para uma proteção dele”, hoje não, a partir do estatuto já se entende que privar a liberdade de alguém não é proteger ninguém, porque está prendendo a pessoa para cumprir porque tu descumpriu alguma regra da sociedade, então isso não é proteção, é uma sanção punitiva do Estado. Bom, durante cumprimento da medida tem que ter o caráter pedagógico, ele tem que frequentar a aula, fazer curso, enfim, fazer todas essas coisas, isso é coisa, a execução da medida é uma coisa, mas a medida tem que ser encarada como uma punição do Estado referente ao ato infracional que esse adolescente cometeu. Então ainda existe um pouco isso que a Caroline falou, de que alguns juízes entenderem que a medida socioeducativa é uma proteção ao adolescente, “ah eu vou internar ele porque vai fazer bem para ele” não, não vai, ninguém que é preso faz bem para alguém, não está bem para ninguém. Mas isso antigamente no Brasil isso foi considerado, à medida socioeducativa foi considerada uma proteção para o adolescente, como se fosse uma coisa boa, e por isso que digo que foi uma evolução. Apesar do estatuto já ter mais de 20 anos, bem mais, ele é de 1996...

Cacau – Então não faz muito tempo... porque, acho que é uma história que contaram para mim, que contaram para minha mãe no caso, tudo assim [risos], como uma vez a gente conversou, te contei que eu era adotada e que a minha mãe conheceu a instituição da FEBEM e tudo mais, e acho que lá passaram para ela que a moça que me teve tinha 16 anos, ela me teve em um hospital e ela fugiu de lá porque senão ela ia parar nesse lugar que eu parei, porque ela não tinha casa, a família era muito humilde, expulsaram ela de casa. Não sei exatamente por que, ela não tinha a família para ajudar, então me falaram que ela não ficou no hospital, mas foi ela que me deu o nome de Carolina, depois acabou fugindo do hospital porque ela sabia que ia ser encaminhada para alguma instituição. Deve ter sido horrível essa situação...

Giovana – É que na realidade, o que acontece. Existem duas medidas, as medidas protetivas que hoje são como abrigarem enfim e as medidas socioeducativas, antes do estatuto do adolescente isso se confundia muito, o antigo Código de Menores todo mundo era igual, é como se o Estado fosse o grande... como que eu vou dizer assim, como se ele tratasse todo mundo, se era proteção ou se era questão infracional era a mesma situação e são situações

diferentes. O estatuto traz toda uma construção nesse sentido, que são medidas diferentes, são situações diferentes, são regras diferentes. Por exemplo assim, tanto aqui no Estado, apesar de entender como medida única tanta proteção como se educativa, se separava os adolescentes, os adolescentes que cometeram atos infracionais, uns ficavam em uma unidade outros em outra unidade, mas tinham lugares que se misturavam, quem tinha medida protetiva e infratora ficavam ali junto. Então, o que acontece, existem medidas protetivas, mas agora toda medida de rompimento de vínculo e é isso que o estatuto traz, ela tem que ser decidida por um juiz. Então, situações que antes levavam à internação como o caso que está me contando da tua mãe biológica “ah, de repente não tinha condições, não tinha a família”, bom, tudo hoje vai ser analisado, o conselho tutelar vai ser verificado, para depois verificar se tu vais ou não para um abrigo, se vai ter esse rompimento de vínculo, se é essa situação, e claro, as instalações também não eram das melhores. Então se tinha como “a casa dos horrores”, também tem muita coisa assim, a ilusão do espaço, do local, do que que era e eu também fiquei imaginando o que uma adolescente de 16 anos, que não sabe o que é, que está ali pensando e fica com medo de para um espaço que não sabe, que não conhece, o que vão fazer com ela, ela vai ficar aonde, então esse acompanhamento, essa compreensão, ela persiste assim, eu entendo, mas hoje são duas medidas diferentes, os abrigos por exemplo, eles também têm essa questão do cuidado, do zelo, o adolescente não é entre aspas obrigado a ficar lá, não é uma prisão ele ficar lá, mas ele está sendo encaminhado para lá por algum motivo. Mas é um ambiente coletivo, de pessoas que você não conhece. Então assim, o que a gente chama nessas instituições totais, Foucault fala muito isso, as instituições totais, que são os hospitais, que são os abrigos. Eles têm uma dinâmica que assustam, mas são coisas diferentes. O estatuto estabelece isso muito claro, as justificativas, os argumentos para qualquer tipo de encaminhamento tanto medida protetiva para encaminhamento no abrigo como a privação da liberdade têm que ser bem fundamentado, tem que realmente não ter, na proteção, uma possibilidade de vínculo familiar e o que antes não acontecia, em qualquer situação é a situação para que a adolescente ou o adolescente fosse internado.

Cacau – Está melhorando.

Giovana – Sim, o estatuto faz uma quebra de paradigma no que se refere ao direito do adolescente muito brusca. Mas para nós isso tudo requer tempo e mudança. Principalmente para aqueles que aplicam a regra do jogo né, os juízes, os promotores, os defensores de entenderem e compreenderem isso né. Então ainda é uma caminhada que a gente precisa evoluir. Mas já tem bastante coisa que melhorou.

Cacau – Eu acho, que de repente às vezes a caminhada parece mais lenta porque a gente não tem o convívio né. Eu nunca tive esse convívio, está muito fora da minha realidade e agora lendo sobre eu estou vendo algumas coisas, a gente como cidadão já tem um preconceito. A Caroline, ela fez todo movimento de fazer e as mulheres [lá em Santa Catarina] a dramaturgia, em um teatro fora

do presídio e lotou o teatro. E aí ela contando que as pessoas comentavam que ficaram impressionadas, que elas estavam ali como artistas e eles tinham uma imagem de que iriam ver presidiárias, mas eles viram artistas, viram outras coisas. E eu achei isso muito muito legal, porque acho que a gente vai com uma pré formação, a gente acaba deixando muitas coisas importantes de fora, eu não sei como explicar isso.

Giovana – Não, mas existe. Acho que principalmente em relação à população, tanto adulta como adolescente do sistema penal, existe um mito. Essa construção de que a pessoa que comete um ato infracional que ela é ruim, que ela é má, buscam estereótipos de quem fazia isso. Então as pessoas recortam principalmente a população presa, a população carcerária seja ela adolescente ou adulta, recortam a esse crime que ela cometeu né. Então, eu sempre gosto muito de uma palavra que na frase [eu uso isso para minha vida né] que na época eu trabalhava lá, a gente fazia parte do processo que se chamava Plano Individual de Atendimento: Contextualização, o que é contextualização, é contextualizar a vida desse adolescente, onde estava estudando, quem era a família, se tinha alguma medida anterior, a situação familiar, acompanhamento da rede, se não tinha drogadição... então fazia todo o contextualização e quando tu olha o contexto você consegue compreender algumas coisas [não que justifique] mas se consegue compreender, compreender o envolvimento, compreender porque foi, compreender essas coisas. Então o que hoje acontece, as pessoas recortam, por exemplo, a pessoa cometeu um roubo, recorta aquele roubo e a pessoa fica aquele roubo só, com aquela imagem de que a pessoa é ruim, ela é má, que ela não tem caráter, e as vezes não é isso. Então a sociedade cria né, na Criminologia a gente trabalha muito essas teorias, a sociedade cria o seu inimigo, então aquela pessoa é minha inimiga e ela é ruim. Então esse estereótipo “eu vou ver presas”, então tu imaginas mulheres horrorosas, carrancudas, bravas, que vão te atacar, perversas e não, são mulheres e que no contexto que elas viveram e n motivos que não justifica, mas que n motivos levaram ela a cometer esses atos infracionais. Eu tenho uma amiga que sempre fala que a gente não se coloca no lugar do outro nesses casos, mas por exemplo, a gente está muito mais apto a praticar um homicídio do que um roubo, por exemplo atropelar carro, empurrar sem querer alguém numa briga, sabe, coisas do dia a dia, que a gente nega, que comigo não vai acontecer. Por que não? Então assim esse estereótipo de uma população presa é muito presente.

Cacau – Sim, eu não acredito que assisti todas aquelas séries que reforçam estereótipos, que até conversei com a Caroline, e que na realidade não são verdadeiras.

Cacau – E na sua experiência com eles, quando eles eram soltos, tu via eles conseguindo se adaptar de novo na sociedade ou eles acabavam voltando?

Giovana – A grande maioria consegue se reorganizar, a grande maioria consegue. Claro que a gente tem casos de reincidentes, tem casas que estão muito envolvidos, tem casos que enfim, é muito triste ver um adolescente de 17 17 anos sem brilho nos olhos, sem perspectivas de vida, tem casos assim. Mas

não é a maioria. O primeiro caso que eu atendi na FASE, um adolescente de 17 anos que cometeu um duplo homicídio, ele matou outros dois meninos à paulada e a pedrada, ele e outro. Ele já tinha cumprido medida na FASE por um roubo, então ele voltava por um delito mais grave. Reincidente e ele foi para a unidade mais pesada do sistema. Descobri faz uns 5 anos atrás que hoje ele tem a empresa dele de instalação elétrica sabe, foi um menino que super se reorganizou, ficou bem, constituiu família. Ele errou naquela época, mas nunca mais voltou ao sistema, e está bem. Eu peguei o caso mais estereótipo grave sabe, que não ia dar certo, “bah, é reincidente, voltou com homicídio duplo...”, tudo indicava que não dar, mas se organizou, então assim a maioria consegue, a maioria consegue se organizar dentro da construção das suas possibilidades e querem, e querem mesmo, eles querem. Eles não querem ser taxados e não querem ser criminosos, vamos dizer assim, com a palavra chula. Tem uns que não conseguem mais, que não conseguem. E eu acho que faz parte, tu vês as histórias e compreende algumas coisas, mas a grande maioria, a grande maioria consegue.

Cacau – Que bom que conseguem seguir a vida, abandonar essa parte e fazer diferente.

Giovana – Tem histórias muito legais, de tu encontrar por exemplo, os rapazes trabalhando. Já foi por exemplo em um cachorro-quente e aí tu entrar e ele está ali trabalhando, ele te olha sabe, fica faceiro, mas também não quer dizer de onde se conhece, porque assim né, e ele ri, te abana e tu fica feliz para encontrar. E isso é muito legal, encontrar eles nos espaços bem, isso é muito legal, isso é muito legal.

Cacau – Isso deve dar uma alegria e tanto! E a tua relação com eles foi boa, criou um carinho, um vínculo. Tu achas que tiveram outras pessoas que criaram esse carinho com eles, que têm uma relação boa, com as pessoas que trabalham na FASE e eles?

Giovana – Sim sim, a grande maioria. O sistema socioeducativo, ele trabalha muito com a palavra que tu trouxeste, o vínculo, como diferente do sistema adulto e para uma construção desse contato [que eu acho que o sistema adulto perde muito por causa disso, desse não contato, que te desumaniza], por exemplo o sistema socioeducativo ele é trabalhado muito no vínculo, de aproximação, da fala... tu não tem a contenção no sistema prisional que nem do adulto, o uso de armas e de cassetetes não tem, o que tu tem com eles é a fala no dia a dia. Então tu crias vínculos. A grande maioria das pessoas que trabalha na FASE criam esses vínculos com os adolescentes. Esse vínculo é positivo, porque é um trabalho digno de confiança, tem gente que não cria, que enfim, também é do sistema. Mas a grande maioria estabelece bem o vínculo como os adolescentes. Senão tu não trabalhas, senão tu não consegues.

Cacau – Isso é bom, porque deve ser um lugar muito difícil de passagem, para se estar e sendo muito novo, então ter esse vínculo, ter essa relação diferente acho que facilita que eles consigam depois se encaixar na sociedade.

Giovana – Ah sim, acho que a sobrevivência para passar por esse período privado de liberdade, uma maneira mais tranquila, uma maneira mais acolhedora, porque as pessoas também criam esse imaginário de que para cumprir medida tem que ser ruim, tem que sofrer... Gente! Mas privar tua liberdade já é horrível, veja a pandemia, todo mundo já enlouqueceu, então imagina estar num local dividindo um dormitório ou uma cela com outros cinco pessoas que você não conhece, estranho sabe, numa rotina que tu não sabes, é ruim, não é bom estar preso, tu não precisas massacrar a pessoa porque daí tu a quebra. E aí ela nunca mais vai... eu digo que se “reinsere” me incomoda porque às vezes eu nem sei se eles estavam inseridos na sociedade. Sempre me pergunto isso, se eles estavam inseridos para tu reinsere? Porque talvez nem estivessem, não tem acesso a nada, educação, saúde e essas coisas, mas precisa né Cacau, precisa humanizar esse espaço porque são humanos, as pessoas não deixam de ser humanas porque estão presas. Então a humanização desse espaço, esse tratar com respeito é o primeiro passo para conseguir que a pessoa consiga se enxergar também como pessoa, e ver que ela tem oportunidades.

Cacau – Ah que bom isso, precisamos humanizar esses espaços. Se tu pudesses pensar em algo, em alguma proposta que ajudaria a melhorar a FASE, algum projeto, alguma coisa que a tornasse melhor, saberia dizer alguma coisa?

Giovana – Nossa, várias coisas, várias coisas. Eu acredito cada vez mais na educação, acho que a educação ela te dá... eu ouvi uma frase de uma professora muito muito legal, que “a educação te dá escolhas”. Então eu acredito muito na educação, e se é uma coisa que eu traria, que eu acho que a FASE poderia explorar, é essa questão educacional, mas não educacional do que a gente fala no sentido de educar profissionalmente, tipo, a pessoa tem que se inserir no mercado de trabalho, tem que ganhar dinheiro, claro que tem, é importante para eles e para todo mundo, ninguém vive sem dinheiro, mas acredito muito em uma educação que problematize, que traga para a realidade deles, que eles consigam se inserir na educação, que eles entendam a educação é importante para eles, porque a educação para eles é uma coisa muito distante. Estes adolescentes, eles chegam na fase com a média de 16 e 17 anos e estão há três ou quatro anos fora da escola. Então é algo muito distante para eles, e eu acredito que a FASE, ela tem essa oportunidade de reaproximar a educação desses adolescentes. Então eu investiria em didáticas novas, em projetos novos, eu acredito muito na construção cultural, em atividades diferentes e transdisciplinares, algo assim que não seja matemática pela matemática e o português pelo português sabe, mas que isso faça sentido na vida deles, por exemplo, a matemática através do hip hop, a música e a cultura venham trabalhando os temas de maneira transversal, que eles consigam compreender a realidade de maneira diferente. Então assim, eu acho que se eu pudesse, iria propor para Seduc “vamos pensar uma dinâmica diferente para as escolas da FASE”, uma outra construção, não apenas para o Seduc mas, para todo mundo, eu focaria no sistema educacional diferenciado para realmente trazer esses adolescentes para educação.

Cacau – Para aproximar, para eles verem sentido dentro da realidade deles, que até eu [que sou privilegiada por ter tido a oportunidade de estudar, por ter tido uma estrutura] por muitos, por muitos anos na minha escolar eu não via sentido no que estudava e não soube aproximar para mim. Imagina quem não recebe incentivo para isso, para quem não tem o que é seu direito.

Giovana – É, sabe coisas assim, porque para mim foi uma coisa que me chocava, “fulaninho está a três ou quatro anos fora da escola”, “faz 2 anos que não está na escola”, e eu “mas como assim ele não vai na escola?” Por que não era minha realidade, “como ele não vai pra escola?” nunca imaginei não estar na escola, mas porque a gente sempre foi estudante, então tu és estudante e eles não têm essa relação, a escola para eles não é como uma profissão, porque quando somos adolescentes, estudante é considerado uma profissão. Isso para eles não faz sentido nenhum. Mas por que isso? Porque a escola não faz sentido para eles, porque não há um espaço acolhedor, porque não tem essa metodologia, essas coisas novas, então eu acredito que assim, já que está na FASE, já que está ali, que seria uma oportunidade imensa de mudar essa perspectiva da educação para eles.

Cacau – Sim, seria muito bom, seria uma oportunidade de fazer isso junto como um coletivo, no caso, por que vai ter ele e os outros que também não se identificam e vão estudar juntos, e criar essas estratégias...

Giovana – Isso, e poder compreender que quando eles saírem, isso tem que continuar. Tem que fazer parte da vida deles e que é “chato”, é, mas que é importante, que é legal e que vão dar novas oportunidades, que isso vai trazer para eles uma visão diferente, uma visão diferente do mundo. Então eu pensaria assim, muito na parte educacional revolucionária.

Cacau – Maravilhosa!
Eu quero agradecer muito, muito, muito, muito por essa conversa, por me apresentar um pouquinho dessa realidade, desse teu trabalho. Obrigada por essa perspectiva, por me fazer pensar em soluções, obrigada por dividir esse tempo.

Giovana – Obrigada pela oportunidade, espero ter ajudado no teu trabalho e se tiver mais alguma coisa estou à disposição aqui.

[Conversa com a Giovana]

18 de agosto de 2021

Feliz 26 anos

Hoje estou encerrando um ciclo e iniciando outro. Para meu novo ano peço que, eu mesma não torne a vida tão pesada, que os sentimentos, os erros, os arrependimentos e os aprendizados que tenho vivido, que eles continuem. Porque

realmente quero sentir que estou vivendo, tropeçando e aprendendo. Quero sentir que estou crescendo. Eu só não quero mais sentir essa vontade de não existir.

*Quero de volta aquele riso frouxo, aquele olhar carinhoso e orgulhoso de quando conseguia vencer as minhas limitações, quero escutar aquele incentivo que só eu sabia me dar quando fazia alguma besteira ou quando dava tudo errado, pq lá no fundo eu sabia que teria total capacidade de acertar no dia seguinte ou que o tempo iria me ajudar a enxergar melhor a situação, eu sabia que as coisas iriam melhorar e que era questão de vivenciar o processo e amadurecer, depois disso, estaria pronta para o novo tropeço,
o novo acerto,
a nova aventura,
o novo sonho.*

Eu sei que nunca fui excepcional nas coisas que fiz, mas aprendi a valorizar as pequenas conquistas, os primeiros passos, as primeiras iniciativas... ahhhh e como meu corpo sentiu essas mudanças, o quão difícil foi começar a expressar o que pensava e sentia, o quão difícil foi começar a agir de acordo com isso, como eu me tremia por inteira, como meu estômago doía e a garganta secava e eu balbuciava alguma coisa sem pé nem cabeça, mas era algo, era algo sendo construído, mesmo comigo chorando, mesmo comigo toda desconcertada, era um movimento de tirar aquilo de mim e manifestar para o mundo, meio bagunçado e confuso, mas era eu, era a Cacau dando um passo para se tornar melhor, mais forte e mais independente.

Nesse novo ano, quero voltar a me enxergar, valorizar quando acordo e consigo fazer o essencial ou quando acordo e consigo fazer o extraordinário. Porque nesses dois momentos, ainda sou eu, ainda preciso de apoio, compaixão, compreensão e carinho. Porque no dia que acordo e faço o essencial, estou construindo degraus para chegar no extraordinário, porque nesse dia é preciso fazer um esforço surreal para levantar e construir algum sentido naquela vontade de inexistência, e estou conseguindo.

Feliz novo ciclo!

REFERÊNCIAS:

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni Santos. Experiência urbana e conhecimento teatral: romper limites e ampliar espaços. In. Revista Educação e Realidade. Dossiê Arte e Educação. Arte, Criação e Aprendizagem. V. 30, nº 2, jul/dez., 2005.

NOGUEIRA, Márcia Pompeo. A opção pelo teatro em comunidades: alternativas de pesquisa. In. Urdimento. Revista de Estudos em Artes Cênicas da UDESC. V. 10, 2008.

NOGUEIRA, Márcia Pompeo. Buscando uma interação teatro poética e dialógica com comunidades. In. Urdimento. V. 5, 2005.

CONCÍLIO, Vicente. Teatro e prisão: dentro da cena e da cadeia. In. Sala Preta, v. 5, 2005.

ALVES, Rubem. Livro Alegria de Ensinar. Papyrus Editora, 18/03/2021 – 10ª reimpressão edição (27 abril 2000).

BOAL, Augusto. Livro Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Editora 34, 1ª edição (24 de abril 2019).

FREIRE, Paulo. Livro Pedagogia do Oprimido. Editora Paz & Terra; 78ª edição (4 novembro 2019).